

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**Humanismo: Uma releitura existencial de Albert Camus e  
Jean-Paul Sartre**

**Roberto Carlos Favero**

**São Leopoldo**

**2006**

**Roberto Carlos Favero**

**Humanismo: Uma releitura existencial de Albert Camus e  
Jean-Paul Sartre**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Filosofia, no Curso de Pós-Graduação em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Maria Pinto Pires.

**São Leopoldo**

**2006**

*No homem há mais coisas a admirar do que a desdenhar.*  
Albert Camus

*O homem é uma idéia e uma idéia bem pobre a partir do momento em que se desvia do amor.*  
Albert Camus

Aos que procuram humanizar ...

## Agradecimentos

Aos meus queridos pais pelo exemplo de vida.

À Igreja Santo Antônio de Bento Gonçalves pela formação e valorização da vida, do *ethos*.

À educadora e defensora dos direitos humanos Dra. Cecília Maria Pinto Pires, pela sensibilidade humana, pela sabedoria inigualável, pela paciência e estima com que me orientou neste trabalho.

Meus agradecimentos dirigem-se a todos os amigos (as) que, de uma forma ou de outra, depositaram total confiança e amizade. Grato!

*É por isso que podemos ser felizes, é  
Por isso que às vezes o somos:  
Porque fazemos o que desejamos,  
Porque desejamos o que fazemos!  
Comte-Sponville*

## RESUMO

Humanismo, uma releitura existencial de Albert Camus e de Jean-Paul Sartre é o tema da presente dissertação, que consiste no exercício filosófico de criar um mundo possível nessa vida. Acreditar no mundo e no verdadeiro humanismo é o que nos falta. Nós perdemos, completamente, o senso de valorizar, respeitar e dar condições necessárias, para que o ser humano se realize na sua plenitude e com referenciais éticos. O racional tornou-se o irracional; o humano, o inumano. Acreditar no homem significa, principalmente, suscitar acontecimentos, atitudes, ainda que corriqueiras, mas que visem a redescobrir a essência do humanismo. É necessário, pois, urgentemente, uma redefinição em nosso próprio conceito de humanismo que nos impulse a um compromisso humanizador.

A proposição básica dos filósofos, Camus e Sartre, é que: como é impossível salvar tudo, salve-se, ao menos, o corpo de cada indivíduo. Que homem algum seja vítima, carrasco e omissor perante o próprio homem. Ambos nos pedem um mundo, onde não se mate, onde o mal, o terrorismo, a violência, a exclusão social e os pré-conceitos não sejam legitimados.

Sartre apresenta-nos a liberdade como valor absoluto. O existencialismo coloca o homem perante uma alternativa: assumir a liberdade e realizá-la, na angústia de sua condição, sendo responsável por negar a liberdade e procurar refúgio na sua má-fé. Para Camus, apesar de o homem estar em toda parte, onde ele existe estão seus gritos, ameaças e esperanças. Cabe a ele tomar consciência disto e, imediatamente, revoltar-se. O autor de *A Peste* prega a revolta e a insurreição. A revolta é o protesto humano contra o mal, o absurdo e o nada.

Ambos filósofos enfatizam a auto-consciência e a auto-responsabilidade do ser humano frente ao mundo. Depositando, assim, total confiança e credibilidade no homem e nas suas possibilidades de realizações e transformações. Precisamos intensificar nossas habilidades para lidar com o real, olhando de forma mais ampla e crítica para a realidade. Procurar não só dentro de nós mesmos, mas interagindo, permanentemente, com o social. O *ethos*, que tenha amor, dá um novo sentido de viver. Amar o outro, seja o ser humano, seja cada representante da sociedade, é dar-lhe razão de existir. Esse amor respeita a alteridade, se abre a ela e busca a solidariedade para todos. Busca-se a inclusão social sendo esta a nossa tarefa a ser executada, incansavelmente, todos os dias.

Se há algo que deve ser aniquilado é a barbárie e deve haver a superação de todas as formas de violência, neste mundo humano e anti-humano. Exige-se uma nova compreensão de esperança. Esperança não como resignação e espera, mas como possibilidade de futuro.

Palavras-Chave:

Humanismo, Existencialismo, Absurdo, Ética, Liberdade, Responsabilidade, Solidariedade.

## ABSTRACT

Humanism, an existential rereading of Albert Camus and Jean-Paul Sartre, is the subject of this presentation, which consist of a philosophical practice of creating a possible world in this life. Believing in this this world, in the true humanism, is what is missing for us. We have los completely, meaning that, valuing, respecting and giving the necessary conditions for the human being became inhumane. Beliving in humanity means maily rousing humanism. Therefore, it is urgently necessary to redefine our own concept of humanism which compels us to a humanising compromise.

The basic propositions of the philosophers, Camus and Sartre, as it is impossible for us to save everything, unless each individual body can be saved. That the man is a victim or cruel and not neglectin before the humanity itself. Both require a world in which crimes against humanity and at least evil, terrorism, violence, social exclusion, and prejudices will be outlawed.

Sartre introduces to us freedom and an absolute value. The existentialism puts the humanity before one alternative: assume the freedom and accomplish it, in the anguish of its condition and bein responsible for denyng the freedom and looking for a shelter for his bad faith. For camus, despite humanity bein omnipresent, wherever humanity exists there are shouts, threats and hope. Manhind is responsible for becoming aware of this situation and to immediately fight against the evil, the absurd and the nothing.

Both filosofers give emphasis to self awareness and responsibility towards the world. Investing trust and credibility into the human and his potential of accomplishments and transformations. We need to intensify our skills to deal with the reality. Looking into reality in a wider and more critical way. Looking, not only inside ourselves, but interacting permanently with society. The ethos which has love give living a new meaning. Loving each other as a human being or a member of different societies is giving a reason to exist. This love respects freedom of choice and seeks solidarity for all. Searching for social inclusion, this being our tasks to be accomplished tirelessly everyday.

If there something to be annihilated, it is barbarism and we should overcome all forms of violence in this human and anti-human world. We demand a new comprehension of hope, not as resignation and apathy but, as possibility of future.

Key words

Humanism, existentialism, absurd, ethic, freedom, responsibility, solidarity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 ALBERT CAMUS: AS TESES</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Ambiente cultural e filosófico</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Existencialismo</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Principais teses: absurdo e revolta</b>	<b>21</b>
<b>1.3.1 absurdo</b>	<b>27</b>
<b>1.3.2 a vida tem sentido?</b>	<b>36</b>
<b>1.3.3 revolta</b>	<b>43</b>
<b>1.3.4 as concepções de revolta</b>	<b>48</b>
<b>2 JEAN PAUL SARTRE: AS COMPREENSÕES</b>	<b>60</b>
<b>2.1 Ambiente filosófico</b>	<b>60</b>
<b>2.2 Liberdade e Compromisso</b>	<b>62</b>
<b>2.3 Humanismo e existencialismo</b>	<b>70</b>
<b>2.4 Absurdo e engajamento</b>	<b>75</b>
<b>3 O HUMANISMO POSSÍVEL NO TERCEIRO MILÊNIO</b>	<b>80</b>
<b>3.1 Perspectivas de um novo humanismo</b>	<b>80</b>
<b>3.2 Compromisso Ético</b>	<b>86</b>
<b>3.3 Camus e Sartre: os desafios humanistas</b>	<b>91</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>97</b>
<b>OBRAS CONSULTADAS</b>	<b>103</b>



## INTRODUÇÃO

A filosofia sempre nos reserva surpresas, boas, interessantes, difíceis até mesmo árduas. Porém, o mais significativo é que quando filosofamos, nunca saímos iguais como começamos a filosofar, pois filosofamos no eterno fluxo do devir como bem ensinou o pensamento heraclítico. Sabemos que a compreensão de uma filosofia se dá dentro de um contexto histórico-social, próprio e específico marcando indelevelmente as contingências e vicissitudes de seu tempo.

Mais do que apresentar um estudo sobre o humanismo de Camus e Sartre, esta reflexão é comprometimento, profundo com os dramas, as lutas e as conquistas dos homens no palco da história do século XX. Um tempo histórico marcado por contradições político-econômicas que se refletem na filosofia. Esta filosofia busca ser um retrato de seu tempo, ou seja, almeja capturar a vida em todos os seus ângulos e pô-la num conceito, não na rigidez do conceito hegeliano, mas expressando a existência no seu concreto, enquanto homens inseridos num contexto histórico.

A escolha do tema prende-se ao fato de que, especialmente a leitura de Camus, sempre me marcou profundamente desde as leituras juvenis. O autor de *A Peste* sempre me pareceu um dos grandes autores do século XX. É um autor com grande sensibilidade filosófica e angústia teórica, aliadas a uma profunda fineza literária, o que o torna um filósofo ímpar no quadro histórico da filosofia, conseguindo admiravelmente descrever o conflito pelo qual passou e viveu o homem no século XX.

Camus retrata o cotidiano das pessoas simples. São pessoas perdidas, numa cidadela no norte da África. Retrata as desilusões dos frequentadores dos finos cafés da burguesia francesa. As frustrações e vitórias são expostas com maestria. Traz detalhes. Relata com profundidade existencial a referida burguesia. Subjacente ao relato encontra-se a preocupação com o destino da humanidade.

Para entender a profundidade do legado camusiano, abrangendo a extensão de sua obra, procuramos mostrar nesta dissertação que sua filosofia não é algo fossilizado, que habita o passado das idéias. Demonstramos, à luz dos problemas e angústias do homem do século presente, que Camus não pode ser considerado apenas um literato ou um simples prosador, mas um grande pensador do humanismo existencialista. Inserido numa corrente filosófica que muito contribuiu para a reflexão sobre o homem concreto e singular, com suas paixões e glórias. Não é possível segundo Camus, fundamentar o discurso filosófico em pensamentos desvinculados da realidade. Para ele, ou a filosofia dá conta dos problemas e angústias do homem a partir de seu mundo, com suas mazelas e injustiças sociais, ou a filosofia torna-se uma retórica falaciosa de seu tempo.

A resposta às questões que afligem a existência do homem não pode ser equacionada ou resolvida por meio da iluminação de um ser superior ou através de uma ontologia que nega a centralidade inquestionável do homem, como início e fim de todo o problema filosófico. A fim de alcançar esse objetivo, buscamos confrontar o pensamento humanista de Camus com o pensamento de Sartre retratado sobretudo no texto, *O Existencialismo é um humanismo*. Privilegiamos a leitura desse texto porque nele está contido o conceito de humanismo. Além disso, deter-nos-emos na leitura do conjunto de entrevistas concedidas a Bernard Lévy, que estão reunidas no livro *O Testamento de Sartre*.

A grande interrogação a ser respondida é se há no pensamento de Camus e Sartre uma proposta de humanismo que aponte para uma nova valorização do humano. Em outras palavras, se, a partir da leitura de Camus e Sartre é possível resgatar o humanismo escondido por trás das doutrinas filosóficas, que aprisionaram o homem dentro dos grandes sistemas metafísicos.

Para elucidar essa questão, apresentaremos no primeiro capítulo, a biografia de Camus, em seu ambiente cultural e filosófico possibilitando ao leitor visualizar a existência tumultuada de Camus. A biografia defrontar-se-á com uma existência cheia de peripécias, subitamente interrompida. Além disso, acentuaremos sua produção literária e filosófica, apresentando a argumentação das principais obras de sua vida. Não é possível entender o humanismo camusiano, se não percorrermos, ainda que de forma geral, sua obra. Camus é um autor surpreendente. Quando pensamos haver nenhuma novidade, exatamente, ali, deparamo-nos com um conceito importante e novo.

No segundo capítulo, faremos uma aproximação, quando possível, entre os dois grandes filósofos do humanismo francês, Camus e Sartre. Ambos não aceitam um fundamento metafísico para sustentar a existência de Deus. Não fogem ao desafio de apresentar uma resposta para viver o humanismo no presente. Assim, nos confrontamos com um dos problemas básicos do existencialismo, a saber, a liberdade humana. Se a existência precede a essência, não há um princípio basilar para a fundamentação de valores objetivos. E, portanto, não há moral. Esta foi a conclusão de muitos adeptos e seguidores do existencialismo, segundo o qual a ausência de um fundamento *a priori* condenaria o homem a viver numa sociedade sem regras.

Sartre, ao aceitar que a negação da existência de Deus levaria a um estado de imoralidade, afirmou em sua célebre conferência de 1946, - *L'existencialisme est un humanisme*, a famosa frase de Dostoiévsky: *se Deus não existisse, tudo seria permitido*. Mas qual é, então, a proposta ética dos existencialistas? O existencialismo não aceita os valores como algo feito e acabado. É necessário inventar os valores. Mas quem poderá, legítima e inquestionavelmente, criar valores, a fim de que a sociedade possa viver e organizar-se?

No terceiro capítulo, examinaremos as condições de possibilidade do Humanismo na atualidade. O homem deve inventar valores, e não deve submeter-se ao que está fora dele. A vida tem sentido, se nos tornamos responsáveis ante os problemas emergentes. A responsabilidade é uma forma de tornarmo-nos mais humanos. A vida é nada, sem o compromisso responsável de cada um. Depende do homem dar-lhe um sentido.

Segundo o humanismo existencialista de Camus e Sartre, a vida não é só conquista, é também fracasso. Por isso, o suicídio, a náusea e outros sentimentos fatídicos estão presentes

na vida do homem. Entretanto, sempre há uma nova oportunidade para reconstruir um novo humanismo. Por meio de uma vida não mais voltada, apenas, para problemas narcísicos e egocêntricos, mas direcionada à solidariedade humana, marcada pelo compromisso ético.

Para finalizar, o desespero diante das atrocidades totalitárias, o medo, a revolta, o absurdo, são sentimentos do homem. Interessa-nos pesquisar sua origem e implicações. Os personagens de Camus não são seres indiferentes, eles se posicionam diante dos grandes problemas da vida concreta. A filosofia busca superar os impasses e as contradições, com coragem e vontade, buscando construir um discurso coerente com *a práxis* e que responda aos desafios de nosso tempo.

## 1. ALBERT CAMUS: AS TESES

### 1.1 Ambiente cultural – filosófico

Albert Camus<sup>1</sup> nasceu na Argélia, em Mondovi, Província de Constantina, a 07 de novembro de 1913. Nasceu e foi criado entre contrastes. De um lado, viveu a pobreza do meio operário, a estreiteza de uma casa de cômodos, a rigidez de uma disciplina imposta para fazer o suado pão de cada dia, e as condições de sobrevivência restritas ao essencial. De outro, viveu a exuberância de uma paisagem luminosa. Desde cedo, Camus aprendeu que a miséria engendra solidão, que lhe é típica, *austeridade*, desconfiança da vida. Mas a belíssima paisagem despertou-lhe ao mesmo tempo, a sensualidade, o orgulho desmedido de possuir a beleza, inteiramente, gratuita.

---

<sup>1</sup> Cf. GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As Dimensões do Homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1971. p. 119. *Um traço para definir a biografia de Camus é a fidelidade. Não a fidelidade nos mesmos conceitos, fazendo deles dogmas absolutos. Mas a fidelidade de viver o pensamento no seu dinamismo, de lutar pelo que parece, mesmo sabendo que nada é definitivo e que as contradições são inevitáveis. A fim de simplificar o sistema de referências utilizaremos as seguintes siglas que dizem respeito às edições comuns das Obras Completas de Camus, Albert : MS = Mito de Sísifo; HR = O Homem Revoltado; AQ = A Queda; OE = O Estrangeiro; AP = A Peste; VO = Vida e Obra; EH = O Existencialismo é um Humanismo .*

Este aprendizado deu-se entre a miséria e o sofrimento. Levou-o à consciência do que existe de mais trágico na condição humana, a saber, o absurdo sentindo a irremediável incompatibilidade entre as aspirações e a realidade.

Camus não guardou lembrança do pai. Na verdade, não chegou a conhecê-lo. O escritor cresceu sob os cuidados da mãe, Catherine Sintès, uma marroquina, de origem espanhola. Catherine, após a morte do marido, não quis mais viver no campo. No mesmo ano em 1914, transferiu-se com os filhos para Argel, capital da Argélia. Para sobreviver, empregou-se numa fábrica de papel, onde trabalhou exaustivamente.

Em 1923, Camus concluiu o curso primário. A família, então, reuniu-se, para decidir o seu destino. A decisão foi a de trabalhar na oficina de algum artesão como tantos outros meninos de famílias pobres. O professor Louis Germain, considerava Camus inteligente demais para passar o resto da vida na ignorância. Sugeriu a Catherine que tentasse conseguir uma bolsa de estudos para seu filho, no Liceu de Argel. Camus conseguiu, pois, ingressar no Liceu.

Camus chegou à Universidade em 1931. Os sonhos eram: concluir o curso de letras, ser um bom professor, dar o conforto de vida à mãe, já envelhecida e quase surda. Em 1934, adere ao Partido Comunista. As condições em que Camus efetuou os seus estudos na Faculdade de Argel foram muito difíceis. Foi obrigado a recorrer a diversos empregos, para custear as despesas da vida de estudante. Foi vendedor de acessórios de automóveis, meteorologista e empregado de carteira em um escritório. Era licenciado em Filosofia. Porém o mau estado de saúde impediu-o de levar adiante a carreira de professor. Lançou-se, então, ao jornalismo e ao teatro.

Em 1935, Camus começou a escrever um ensaio: *O avesso e o Direito (L'Enver et L'Endroit)*. Fundou o *teatro do trabalho*. O objetivo era levar a arte ao povo a fim de expor suas idéias. Juntamente com seu amigo, Pascal Pia, criou um jornal, *L'Argel Republicaine*. Propunha a defesa de opinião da população árabe, reivindicando igualdade salarial, escolas e representação no governo.

Ao eclodir a Segunda Guerra Mundial, em 1939, *L'Argel Republicaine* foi fechado pelas autoridades militares que aconselharam Camus a deixar Argel. Camus rumou, então, para Paris, passando a trabalhar em um jornal<sup>2</sup> local. Neste jornal, passou a ter os mesmos problemas do jornal anterior. Os censores não aceitavam seus textos e fotos.

Camus se recusava aceitar as normas autoritárias. A França inteira estava sob as botas do invasor. Não havia mais para onde ir. Dessa forma, Camus voltou para a Argélia, instalando-se em Orã. Na bagagem, além da desilusão da revolta, levava o manuscrito completo de um romance, *O Estrangeiro (L'Étranger)*.

Em 1942, com a publicação de *O estrangeiro* e *O Mito de Sísifo*, transformou-se numa das figuras mais importantes da literatura francesa. Nesta ocasião, o escritor encontrava-se em Paris, devido à execução do jornalista e ex-deputado, Gabriel Pèri, pelas tropas de ocupação, em 1941, que o fizera voltar para a França, onde passou a integrar o movimento de Resistência, escrevendo em um jornal clandestino, *Le Combat* para garantir a subsistência.

---

<sup>2</sup> No dizer de GUIMARÃES, Carlos Eduardo. op. cit., p. 120: *O jornalista é aquele que se entrega a uma luta sem fim.(...) Pelas variadas formas da justiça. É o jornalista que tem que denunciá-las. Seu papel é o de despertar a consciência, de promover a lucidez para que as negações possam surgir.*



Ao término da segunda Guerra Mundial, com a explosão da bomba atômica, Camus se expressa: *A civilização mecânica acaba de atingir seu último grau de selvageria.*<sup>3</sup> No ano seguinte, publicou o romance *A peste (La Peste)*, no qual vinha trabalhando desde 1941. Camus realizou uma série de viagens e empenhou-se mais ativamente na elaboração de sua obra literária, e em suas atividades teatrais. Eis algumas de suas obras: *As Cartas a Um Amigo Alemão, (Lettre à un Ami Allemand)* que foram escritas durante a segunda guerra mundial; *O Homem Revoltado (L'Homme Revolte)* em 1951; *O Verão (L'Été)* em 1954; *Reflexões Sobre a Pena Capital (Reflexions sur la Peine Capitale)* em 1957. Em 1956, escreveu um romance, *A Queda (La Chute)* e em 1957, um livro de contos: *O Exílio o Reino (L'Exil et le Royaume)*. No teatro, Camus escreveu em 1944: *Calígula (Caligula)*; *O Mal Entendido (Le Malentendu)*; *Estado de Sítio (L'Etat de Siège)* em 1948; *Os Justos (Les Justes)*, em 1950.

Camus viajou também para a América Latina. Na sua passagem pelo Rio de Janeiro, Manuel Bandeira assim se pronunciou:

*Durante todo o tempo que o ouvi, senti-me à vontade e encantado. Surpreso. Não havia naquele homem vestígios dessa personagem odiosa que é celebridade; não parecia um homem de letras; era um homem, da rua, um simples homem, dando a outro homem um pouco de sua substância espiritual, simplesmente humana*<sup>4</sup>.

Camus, em 1957, recebeu o prêmio Nobel de Literatura. Três anos após, cheio de planos e de sonhos, preparando um novo romance, sofreu um acidente de automóvel, na estrada de acesso a Paris.

---

<sup>3</sup> CAMUS, *VO*, p. 12.

<sup>4</sup> JANER, Cristaldo. *Mensageiros Das Fúrias – Uma Leitura Camusiana de Ernesto Sábato*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983, p. 20.

*Eram 13 horas e 55 minutos de uma cinzenta segunda-feira, 04 de janeiro de 1960; Em seu bolso encontrou-se uma passagem de trem para o mesmo percurso. Na última hora ele decidira fazer a viagem de carro e, nessa escolha, encontrou a morte<sup>5</sup>.*

Nesse acidente, o mundo perdeu uma das grandes expressões culturais do século XX. Foi uma fatalidade, pois Camus faleceu no auge de sua produção filosófico-literária.

## **1.2 Existencialismo: contexto europeu**

No final do século XIX e início do século XX, os pensadores europeus encontravam-se em profunda crise. A Europa, nessa época, estava sujeita a uma grande remodelação do pensamento social, tendo de enfrentar graves perturbações econômicas, inovações radicais no domínio da arte e notável revolução em matéria de religião. A Primeira Guerra Mundial mostrou um certo esvaziamento de todos os sistemas filosóficos, desde o voluntarismo, do positivismo até o espiritualismo. Isso fez impulsionar uma renovação na filosofia.

Heidegger aparece como um dos expoentes do existencialismo europeu ainda que não tenha assumido essa identificação conceitual. Até agora, em nenhum pensador do século XX, aparece tão clara a crise do Ocidente, enquanto crise da cultura ligada a um determinado sistema de vida econômico, social e político, como em Heidegger. *Lukács chegou a chamar tal crise com ironia de a Quarta-feira de Cinzas do pensamento Ocidental.*<sup>6</sup> Todos afirmam e consideram o início do século XX, *como a liquidação de toda uma época histórica muito mais ampla e confusa, de modo que nosso tempo não pertence mais à área moderna.*<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BARRETO, Vitor. *Camus: Vida e Obra*. Lisboa: José Álvaro, 1978, p. 16.

<sup>6</sup> CHACON, Vamireh. Heidegger e a Tragédia do Ocidente. *Revista Brasileira de Filosofia*, no. 113. São Paulo: v. 30, jan/fev/mar/1979. p. 11.

<sup>7</sup> BOCHENSKI, I. M. *A Filosofia Contemporânea Ocidental*. São Paulo, Herder, 1962, p. 33.

Heidegger parte do que lhe parece o esgotamento da própria filosofia que é o término e a consumação das mais extremas possibilidades.

Segundo Heidegger, em toda a história da filosofia moderna, prevaleceu o pensamento de Platão, pois a metafísica era platonismo. *Nietzsche classificava sua filosofia como platonismo pelo avesso. A metafísica, entretanto, teve a sua reviravolta através de Karl Marx, no qual foi alcançada a mais extrema possibilidade da Filosofia.*<sup>8</sup>

*(...) essa Europa, numa cegueira incurável sempre a ponto de apunhalar-se a si mesma, se encontra hoje entre duas grandes tenazes, com a Rússia de um lado e a América de outro. São ambas a mesma coisa: a mesma fúria sem consolo da técnica desenfreada e da organização sem fundamento do homem normal.*<sup>9</sup>

O Tratado de Versalhes e a Revolução Russa são fatores que marcaram, decisivamente, o mundo, em especial a Alemanha, pois lá se concentrava a maior parte da burguesia, a qual estava, também, em crise. No cenário político, surgiu o regime nazista, que fazia apelos ao nacionalismo e ao socialismo, embora sob formas desvirtuadas: o racismo e o capitalismo do Estado.

Nesse quadro de crise, de conflitos e da situação de angústia e do flagelo da guerra, surge, então, o Existencialismo<sup>10</sup>:

*Corrente de pensamento que concebe a especulação filosófica como uma análise minuciosa da experiência cotidiana em todos os seus aspectos, teóricos e práticos, individuais e sociais, instintivos e intencionais, mas sobretudo dos aspectos irracionais da existência humana*<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> CHACON, Vamireh. *Op. Cit.* p. 15.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.15.

<sup>10</sup> Sabe-se que a rubrica *existencialismo* foi uma invenção da mídia francesa para dar nome a um movimento intelectual surgido, como vimos anteriormente, no pós-guerra. O termo, ainda que Sartre o julgasse mais tarde *idiota*, não deve ter-lhe parecido assim tão absurdo, pois o próprio autor serviu-se dele naquela célebre conferência: *O Existencialismo é um Humanismo*.

<sup>11</sup> MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*. 3. edição, v. 3, São Paulo: Editoras Paulinas 1987, p. 18.

O método fenomenológico não foi uma invenção dos existencialistas, mas foi aprofundado por Max Sheler e Edmund Husserl<sup>12</sup>. O ponto de partida antropológico, isto é, a reflexão filosófica começa pelo homem<sup>13</sup> além da tentativa de integrar-se as dimensões do homem, numa visão mais compreensiva. Lembramos que o existencialismo foi um movimento complexo que não é fácil de ser definido por sua própria natureza de filosofia do vivido.

O pensamento existencialista surge pela primeira vez na história como reação contra o racionalismo. Grande admirador de Hegel, Kierkegaard não tardou em se tornar seu decidido adversário. Acusou-o de deixar escoar a existência por meio do crivo da dialética. Em nome da existência concreta, ergue-se um protesto contra o espírito sistemático<sup>14</sup>.

O existencialismo está inteiramente ligado às vicissitudes existenciais de cada pensador. Portanto, é difícil defini-lo, porque varia de filósofo para filósofo. Percebemos que Jaspers, por exemplo, parece insistir numa concepção de fragilidade do ser; Sartre numa repugnância ou náusea geral, e, em Camus, na revelação do absurdo.

O existencialismo teve expoentes muito significativos na Alemanha, com Heidegger (embora colocado na Escola Existencialista o próprio Heidegger recusa esta inclusão) e Jaspers, e na França, com Sartre, Gabriel Marcel, Maurice Merleau-Ponty e Albert Camus.

---

<sup>12</sup> A importância desse método nos fornece uma nova visão do mundo. O mundo percebido é significativo, estruturado e estamos nele como sujeitos ativos, isto é, damos às coisas percebidas novos sentidos e novos valores e somos interagidos a este contexto. Este viés filosófico, envolve todo o nosso pensamento, a nossa história pessoal, a nossa afetividade, os nossos desejos e as nossas paixões.

<sup>13</sup> Nossa pesquisa filosófica concentra-se no humanismo. Observaremos, no seguimento deste estudo, que o humanismo não separa homem e natureza, mas considera o homem um ser natural diferente dos demais, manifestando essa diferença como ser racional e livre, agente ético, político e artístico, um ser cultural .

<sup>14</sup> ETCHEVERRY, Auguste. *O Conflito atual dos humanismos*. Porto: Livraria Martins Tavares, 1958. p. 61.

Em outros países não faltaram representantes de projeção, especialmente na Espanha com Ortega Y Gasset e na Itália com Nicola Abbagnano.

### **1.3 Principais Teses: absurdo e revolta**

Os anos confusos da ocupação nazista perturbaram toda a Europa e essa desordem da história tornou Camus, durante muito tempo, diante da opinião pública, uma espécie de libertador desse mundo do absurdo, que os filósofos haviam pintado até então em grandes composições murais.

A vida de Albert Camus não se separa de suas obras e vice-versa. Ambas, hoje, podem ser lidas, apreciadas e sentidas como prática individual de um homem que se confrontou com o mundo e seus absurdos. Prática que se transformou em reflexão filosófica e obras de arte exemplares devido à caracterização da dimensão social e política das relações humanas. Salientamos, pois, a importância de suas obras na geração do pós-guerra, tanto pelo brilho, pureza, e sobriedade do estilo, como pelo valor humanístico de sua crítica aos homens e a vida. Diríamos que estas são convicções de Camus. Destacamos suas principais teses, expressas nas diferentes obras.

Em *O Estrangeiro (L'Étranger)*, obra romanesca de Camus publicada em 1942, o absurdo está presente. O estilo e a expressão pessoal de Camus estão expressos e ligados ao protagonista da obra, Meursault. O personagem Meursault, funcionário de um banco em Argel, é condenado por matar dois árabes numa praia. A sua justificativa para este ato é que o

fizera por causa do Sol. Dizer mais do que isto ou defender-se demonstraria, segundo o escritor, a aceitação das normas de um jogo que ele rejeitava absolutamente.

Mersault é um Sísifo inconsciente, porque percebe, confusamente, a mentira do seu processo. Percebe a distância que separa a imagem que os outros fazem dele daquela que faz de si próprio. Camus nos mostra, justamente, esses inocentes que são processados e constituem o escândalo de uma sociedade, porque não aceitam as regras do jogo. Nesta obra, o autor quer nos transmitir o clima do absurdo que, em outras palavras, é o sentimento do absurdo.

*O Mito de Sísifo (Le Mythe de Sisyphe)* é um ensaio publicado em 1943. Segundo a história da mitologia grega, Sísifo era o filho de Éolo, o rei de Corinto e, após a sua morte, foi condenado ao inferno sendo sua tarefa empurrar, eternamente, encosta acima uma pedra, que sempre caía antes de atingir o cume da montanha.

Albert Camus, nesta obra, concentra-se no absurdo como ponto de partida das ações humanas. Esta obra é para o autor o que o *Discurso do Método* é para Descartes. Busca um método e não uma doutrina. *O Mito de Sísifo* poderia ter como subtítulo a seguinte pergunta: *A vida vale a pena ser vivida?* A preocupação constante de Camus é o suicídio, que surge como uma resposta ao absurdo e cabe a cada indivíduo optar pelo sim ou pelo não. O autor opta pela vida.

Sísifo decide não optar pelo suicídio, mas sim pela revolta. Camus aponta-nos que o absurdo só tem sentido na medida em que nós, homens, o conservamos, na medida em que nunca nos conformamos e com ele mesmo nos revoltamos, permanentemente. O absurdo é a

incompatibilidade entre um desejo humano de explicação para o mundo e o mistério essencial desse mundo inexplicável. É a inconformidade entre a consciência da morte e o anseio de uma impossível eternidade, além de ser a assimetria entre o sonho da felicidade e a existência do sofrimento. Camus aceita e convive com o absurdo, assim como seu personagem Sísifo. Este é visto como um herói feliz, ou pelo menos, imagina-se feliz, porque está consciente de sua trágica missão, na qual reconhece o seu sacrifício e, por isso, começa a dar sentido a sua vida.

*Calígula* foi publicado em 1943. Esta obra é o estudo do caráter. *Calígula* foi um imperador razoável e bom. Este personagem lembra Rieux, protagonista da obra *A Peste*, quando este sonha dar a felicidade a seu povo. Quando perdeu Drusilla, a sua irmã amada, passa a ter obsessão pela morte, projetando a sombra desta sobre a sua vida e dizendo que os homens não são felizes. *Calígula* sente, então, a tentação de fugir deste mundo absurdo.

Embora *Calígula* dissimule os que o rodeiem, que querem a lua, na realidade é empregando o seu poderio político que vai tentar fugir à sua obsessão. Exigirá dos seus subordinados coisas loucas: vai divertir-se e obrigá-los a dançar como bonecos. O jovem imperador, prosseguindo, lucidamente, o jogo sinistro em que dá livre curso à sua onipotência anárquica, prova a si mesmo e aos outros a afirmação - *se nada tem sentido, tudo é permitido*.

O papel de *Calígula*, encarnado pelo jovem Gerard Philippe, afigurou-se à juventude como o símbolo da repugnância de todos diante dos ossários multiplicados em nome de ideologias pomposas. A primeira reação de *Calígula* é a fuga, o esforço malgrado para se evadir do real, mas Camus descobre que esse caminho lhe será fechado. O fracasso de *Calígula* o prova, ele vai esforçar-se, então, por conciliar a obsessão do absurdo com a mística da felicidade sensível.

*A Peste (La Peste)* é a obra-prima de Camus, escrita em 1947. Não é um romance, mas sim uma crônica da geração que viveu a Guerra de 1939 a 1945. É considerada uma alegoria do nazismo e de todo regime totalitário.

*A Peste* é a história de uma cidade, chamada Orã, que foi, subitamente, tomada por uma epidemia que se alastrava sem encontrar obstáculos. Diante desta calamidade, notamos que cada habitante reage, individualmente, e preocupa-se, apenas, com a própria solução. Os porta-vozes das idéias do escritor são: Dr. Rieux, Tarrou e Padre Paneloux. Rieux e Tarrou, ambos amigos, acreditavam, honestamente, na necessidade imediata de lutar até o fim contra a peste. O autor revela-nos que não há apenas o assassinato dos corpos durante a peste, mas o assassinato espiritual. As pessoas julgavam-se livres. Entretanto ninguém é livre, enquanto houver flagelos.

A obra demonstra, com seus personagens, como diferentes condutas podem se aproveitar da desgraça coletiva para conseguir benefícios próprios. Há, também, aqueles que constroem a sua grandeza estando contra todo o mal. Camus acaba com a peste em seu livro e dá aos que a ela sobrevivem a esperança de recomeçar.

*Os Justos (Le Justes)* estreou no teatro de Paris, no dia 15 de dezembro de 1949. Nesta peça, o autor tenta expor o seu ponto de vista com relação ao comunismo. No primeiro momento, o autor elogia a pessoa de Marx porque é um homem que se opôs à redução do trabalho a uma mercadoria e do trabalhador a um objeto. No segundo momento, Camus acusa alguns marxistas de não admitirem que certos dados objetivos da época de Marx mudaram.



Ele explica que o marxismo foi concedido no tempo da máquina a vapor e do otimismo científico. Entretanto, hoje, estamos no século do átomo e da radioatividade.

Os protagonistas do drama fazem parte de uma organização revolucionária que prepara o assassinato do grão-duque da Rússia. Tarrou recusava a colaborar com *o partido*, porque este, em nome de um ideal, matava homens. Camus permanece desconfiado a respeito das *ideologias* políticas. *Os justos*, na ótica camusiana, não são terroristas, porque não admitem em hipótese alguma toda e qualquer injustiça cometida contra o homem ou contra a humanidade.

*O Homem Revoltado* foi publicado em 1951. O último livro de Camus está na linha do Mythe de Sisyphe, superando este primeiro ensaio. Todas as obras que Camus escreveu possuem duas características: a defesa da vida e defesa do homem. Combatem a morte, a violência, o sofrimento e afirmam a vida, o prazer e a felicidade.

*O Homem Revoltado* acentua esta tendência de buscar os sentimentos paradoxais. Nesta obra, Camus analisa uma das características mais universal dos homens contemporâneos, que é a revolta. A obra trata da revolta metafísica, histórica e da criação. Na revolta metafísica, o homem se rebela contra a criação inteira. Camus retoma a história da revolta do homem na Europa, durante os últimos séculos. Aborda, em primeiro lugar, o movimento filosófico que se eleva contra a ordem divina e, após, contra toda ordem moral.

Camus descreve a revolta em nome da justiça e da ordem contra a injustiça e contra o caos em que se encontra o mundo, despertando um sentimento de solidariedade para com o

semelhante. A revolta de Camus não é destruição, mas criação. Na revolta artística, Camus entende a arte como sendo a revolta por excelência, porque ela é criação.

Depois do assassinato do rei e o assassinato de Jesus, o homem está só no mundo. A tentação surge, então, sob a forma do terrorismo individual, ou de estado, ou do comunismo. São páginas escritas para desmascarar as ideologias pseudo-científicas que, em nome da história absoluta, desdenham e destroem, sistematicamente, a humanidade visando ao mítico paraíso futuro<sup>15</sup>.

Nas obras de Camus, observamos que seus heróis prediletos são: Tarrou, mártir de santidade laica, Rieux, mártir da religião da felicidade, e Kaliayev, mártir da religião revoltada. Situa suas obras nas revoltas históricas, recordando os movimentos revolucionários políticos, desde a Revolução Francesa até a Revolução Comunista Russa. O absurdo invoca uma superação. É a revolta diante do mundo e comporta a afirmação de um valor objetivo, sendo a crença de que cada um precisa acreditar em si mesmo e em suas forças.

*A Queda (La Chute)*, publicado em 1956, foi o penúltimo romance de Albert Camus antes de sua morte prematura. É a trágica história de uma confissão. A principal finalidade da confissão é a denúncia de tudo que demonstramos de vicioso e imperdoável em nosso comportamento cotidiano. As nossas vaidades e ambições inúteis se manifestam nas palavras do personagem Jean Baptiste Clemance.

Camus nos adverte sobre a omissão do homem perante o próprio ser humano. O genocídio, a exclusão social, a miséria, a morte dos inocentes são problemas gravíssimos e de

---

<sup>15</sup> O grande conflito entre Camus e Sartre ocorreu por ocasião da publicação do *Homem Revoltado*.

interesse de todos, pois a responsabilidade e a culpabilidade são humanas. Camus, com isso, não quer, simplesmente, jogar a culpa ou condenar a humanidade, mas a incita a agir, imediatamente, para uma mudança.

### 1.3.1 Absurdo

Albert Camus é visto como o *filósofo do absurdo*. Mas qual é a sua compreensão de absurdo? Que vem a ser o absurdo de que Camus tanto fala? Para sabermos em que sentido ele filosofava sobre esse conceito, procuramos definições em dicionários filosóficos e em enciclopédias e, também, fomos ao que ele expressa e discute nos seus textos.

Inicialmente, o absurdo é sentido e percebido por Camus como uma primeira evidência que se apresenta ao homem. Mas há uma progressão. A pura constatação aos poucos se complexifica e o absurdo não se define, senão como um problema mais profundo, que se situa na consciência do homem e que exige dele uma ação. Esta atitude se traduz na revolta. Temos, portanto, que encarar o absurdo do ponto de vista de uma etapa do pensamento de Camus, uma fase transitória que encontra sentido na experiência da revolta.

Absurdo e revolta estão, intimamente, ligados. Nosso propósito, neste momento, limita-se a definir esta etapa do pensamento de Camus. Isso facilitará a apresentação dos temas seguintes nos quais trataremos diretamente da relação absurdo-revolta.

Conforme Nicola Abbagnano, o absurdo é conceituado como:

*(...)aquilo que não encontra lugar no sistema de crenças a que se faz referência ou que se opõe a alguma dessas crenças. Os homens – e, em especial, os filósofos – sempre usaram muito essa palavra para condenar, destruir ou pelo menos afastar de si crenças (verdadeiras ou falsas) ou mesmo fatos ou observações perturbadoras, incômodas ou, de qualquer modo, estranhas ou opostas aos sistemas de crenças aceitos por eles.(...) Em sentido mais restrito e preciso, essa palavra significa “impossível” (adynaton) porque contraditório<sup>16</sup>.*

A ausência de significação parece ser seu caráter mais potente. O absurdo não pode ser, em nenhum caso, objeto de uma efetuação compreensiva, pois resultaria como inconcebível. A redução ao absurdo ou a demonstração por absurdo da tese contrária permite concluir pela verdade da tese que se quer demonstrar.

É um modo de argumentar que demonstra a verdade de uma proposição pela falsidade ou impossibilidade da proposição contraditória ou de suas conseqüências. Declarar algo absurdo é considerá-lo afetado pelo valor da falsidade e seu contraditório como afetado pelo valor de verdade. Este tipo de raciocínio é mais utilizado na geometria, mas, também, é utilizado na filosofia.

*O absurdo possui um outro sentido quando se refere ao absurdo da vida humana, tal como tem sido destacado por alguns autores que, ainda sem ser existencialista, ou ainda rechaçando tal postura filosófica, manifestam uma compreensão da vida humana muito próxima à dita tendência. É o caso de F. Kafka e especialmente de Albert Camus, mesmo que este último, proclama a lucidez diante do absurdo (a mesma lucidez que arrebatava e ao mesmo tempo mantém as personagens centrais em O estrangeiro, A peste e A queda). Camus não se ocupa, no entanto, de uma filosofia absurda que pode achar-se difundida na época (O mito de Sísifo, 1942). É a sensibilidade que se manifestou, extralucidamente, em Franz Kafka e nas múltiplas variantes do chamado teatro do absurdo<sup>17</sup>.*

Segundo Carlos Eduardo Guimarães, a sensibilidade é a marca de Camus em suas obras. Fornece as grandes intuições e revela o absurdo. Mostra-nos o mundo e as oportunidades de sermos felizes. *Revelou a revolta como missão e solidariedade. Existe a*

---

<sup>16</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Introdução ao Existencialismo*, Lisboa: Minotauro, s. d, p.7.

<sup>17</sup> MORA, J.F. *Dicionário de Filosofia*. Buenos Aires: 1958. p.30.

*pobreza, a doença e a solidão. Tudo isso é a morte. Mas existe um dia ensolarado. O absurdo nesta totalidade. É a negação e a afirmação, o mundo a conquistar, a revolta*<sup>18</sup>.

Constatamos que dos acontecimentos que marcaram o século XX, surgiu um sentimento especial que não tem paralelo na história: o sentimento do absurdo. Camus descreve e analisa esse sentimento. Não expõe uma doutrina, mas descreve o absurdo e suas conseqüências. (...) *mesmo que certas páginas sejam bem escritas, foram meu coração e minha carne que escreveram bem, não minha inteligência.*<sup>19</sup>

A reflexão acerca do absurdo nos põe frente ao problema do sentido da vida. Colocamos frente ao mundo que se apresenta ininteligível. Confronta-nos com a vida cotidiana do homem que aparece como uma repetição incansável e sem finalidade dos mesmos atos, marcado pelo enigma da morte. A vida humana é marcada pela rotina, pelo trabalho burocrático semanal. Camus tinha consciência dessa situação. Mas é nesse contexto humano que nasce a surpresa e a lassidão. Esta é importante, porque ela inaugura um movimento da consciência, que valoriza o homem inserido em seu mundo, com seus problemas e preocupações cotidianas.

*Os gestos de levantar, o carro elétrico, quatro horas de escritório ou de fábrica, refeição, sono e segunda-feira, a terça-feira, a quarta-feira, quinta-feira e sábado no mesmo ritmo... esta estrada segue-se com facilidade a maior parte do tempo. Só um dia o porquê se levanta e tudo recomeça nessa lassidão tingida de espanto. Começa, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e desafia a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo. (...) Pois tudo começa com a consciência e nada sem ela tem valor*<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do Homem: mundo, absurdo, revolta*, p. 23.

<sup>19</sup> CAMUS, Apud. GUIMARÃES, p. 23

<sup>20</sup> CAMUS, MS, p. 27. *Lever, tramway, quatre heures de bureau ou d'usine, repas, tramway, quatre heures de travail, repas, sommeil et lundi, mardi, mercredi, jeudi, vendredi et samedi sur le même rythme, cette route se suit aisément la plupart du temps. Un jour seulement, le "pourquoi" s'élève et tout commence dans cette lassitude teitée d'étonnement. "Commence", Ceci est important. La lassitude est à la fin des actes d'une vie machinale, mais elle inaugure en même temps le mouvement de la conscience. Elle l'éveille et elle provoque la suite. La suite, c'est le retour inconscient dans la vaine, ou c'est l'éveil définitif. (...) Car tout commence par la conscience et rien ne vaut que par elle.*

A nossa existência é, radicalmente, fortuita, feita de atos inúteis, de gestos vazios de sentido. Todavia, é nesses atos corriqueiros do dia-a-dia que tornamo-nos humanos. O autor empenha suas capacidades em descrever um mundo sem sentido e aponta um caminho para seguir. *Para o homem absurdo, já não se trata de explicar e resolver, mas de experimentar e descrever. Descrever, eis a última ambição de um pensamento absurdo*<sup>21</sup>.

Tudo é estranho ao homem, à sua consciência, porque tudo está separado do homem. *Esse mundo em si mesmo não é razoável: é tudo o que se pode dizer a respeito*<sup>22</sup>. Mas o que é absurdo é o confronto entre esse irracional e esse desejo apaixonado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O homem se sente fora de toda organização do mundo. Mas quer compreender se a vida vale ou não a pena ser vivida. Diante da falta de sentido, a vida ainda é possível? O homem pode construir sua grandeza e sua dignidade? Esta é a grande interrogação de Camus.

O autor de *A Peste* pretende manifestar que o absurdo está no início. É o começo. Ele não vê o mundo, senão na pergunta: como estamos no absurdo? Esta interrogação nasce do quadro trágico em que se encontrava a Europa na iminência da segunda guerra mundial. Inicia a questão do absurdo a partir de perguntas, como esta: *a vida tem algum sentido?* Encontramos nesta pergunta um problema filosófico. Saber se a vida tem ou não sentido, se vale à pena ou não ser vivida é discutir questões centrais que apontarão ou não para o sentido da vida. A filosofia não pode se imiscuir ou se ausentar do grande problema que é o suicídio, porque este questiona se a vida tem ou não um sentido, ou um objetivo. Quando se tem por resolvida essa questão todas as outras serão resolvidas, acessoriamente.

---

<sup>21</sup> CAMUS, *MS*, p. 116.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.40.

*Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo<sup>23</sup>.*

Toda recusa do absurdo é um suicídio. Suicídio que se traduz de modo físico, quando se põe fim ao corpo, e de modo espiritual se dá quando se apela a princípios transcendentais que extrapolam o nível humano. Preocupa-se Camus com os suicidas, pois estes não resistem ao absurdo, mas colaboram com ele, *dão* a morte.

Os assassinatos não são naturais. São provocados pelo homem. Daí a preocupação de Camus com estes suicidas homens e a conclusão de que o único problema filosófico é o suicídio, pois dele parte a análise e a compreensão do absurdo e, conseqüentemente, a tematização da vida e do homem.

Ao homem não cabe fugir, mas permanecer no absurdo de modo consciente e nele procurar caminhos que façam com que ele possa superá-lo. Camus vê a tarefa do homem como sem sentido, mas é a única que pode realizar o homem, já que não há um Deus. O homem não pode fugir para além do seu humano. *Se há absurdo, é no universo do homem. Desde o momento em que sua noção se transforma em trampolim da eternidade, ela já não está ligada à lucidez humana.*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> CAMUS, MS, p.15. *Il n' y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux: c' est le suicide. Juger que la vie vatu ou ne vatu pas la peiene d'être vécue, c' est repondré à la question fontamentale de la philosophie. Le reste, si le monde trois dimensions, si l' esprit a neuf ou douze catégories, vient ensuite. Ce sont des jeux; il faut d' abord répondre. Et s' il est vrai, comme le veut Nietzsche, qu' un philosophe, pour être estimable, doive prêcher d'exemple, on saisit l'importance de cette réponse puisqu' elle va précéder le geste définitive.*

<sup>24</sup> Ibidem, p. 53.

Para falar da vida, temos que vivê-la; viver é ir ao encontro da morte. Como situar-nos diante deste enigma, deste mistério? O divórcio entre o homem e o mundo, entre o homem e a vida, que priva o espírito da correspondência necessária a ela é que Camus chama absurdo.

*(...) num universo subitamente privado de luzes ou ilusões, o homem se sente um estrangeiro. Esse exílio não tem saída, pois é destituído das lembranças de uma pátria distante ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é que é propriamente o sentimento da absurdidade<sup>25</sup>.*

Vemos que o homem vive a vida. Mas, ao mesmo tempo, percebe que vai ao encontro de seu fim. É um ser limitado, dividido, pois quer a vida e vai ao encontro da morte. Reconhece sua temporalidade. Deprime-se. Angustia-se. É sentimento do absurdo. Sofremos e, ao mesmo tempo, perguntamos pela finalidade deste sofrimento. Algo em nós mostra-nos e aponta para o final onde está a morte.

Permanecemos indecisos, confusos. Tudo está obscuro diante de nós. Desejamos ver, com clareza, o que se apresenta diante de nós, queremos explicações racionais, convincentes, que nos façam acreditar. *A angústia* de Kierkegaard, *o nada* de Sartre, *o ser-para-a-morte* de Heidegger, em Camus apresenta-se como o *irracional do mundo* que não nos permite uma visão e compreensão clara.

O apelo do homem pela clareza confronta-se com a obscuridade do mundo, mundo em que o homem vive e que, a princípio, pensa entender, parecendo-lhe racional, familiar. O homem tem a ilusão de que tudo pode explicar, mas, quando toma consciência, vê que é irracional. Sente-se estranho e suas explicações não são mais plausíveis. Tomando a

---

<sup>25</sup> CAMUS, *MS*, p.26.



linguagem camusiana, só há uma coisa: *essa espessura e essa estranheza do mundo é o absurdo.*<sup>26</sup>

Para Camus, o homem, em determinado momento tem que despertar, quebrar o círculo habitual em que se encontra, perguntar pela sua condição. Por quê existe o mundo, o homem, o tempo? Esta interrogação é que faz o homem viver.

*Consciente de que não posso me separar do meu tempo, resolvi ser unha e carne com ele. É porque não ligo muito para o indivíduo a não ser que me pareça ridículo e humilhado. (...) Para quem se sente solidário com o destino desse mundo, o choque das civilizações tem alguma coisa de angustiante. Fiz minha essa angústia, ao mesmo tempo, que quis jogar aí minha partida. Entre a história e o eterno escolheu a história porque gosto das certezas*<sup>27</sup>.

Só quando conhece os muros do absurdo e o estrito espaço que eles encerram é que o homem conhece o seu domínio, e pode tentar organizar nele validamente sua existência. A morte é a condição a que o homem está submetido e diante da qual o homem toma consciência do que é.

*Tão-somente pelo jogo da consciência, eu transformo em regra de vida o que era convite à morte – e recuso o suicídio. Mas o jogo da consciência tão-somente ainda não salvou o futuro Nobel. Seis anos após a aparição do Mito de Sísifo, navegando rumo ao Brasil, a velha tentação lhe acomete ainda uma vez: Por duas vezes, idéia de suicídio. Na segunda vez, sempre olhando o mar, uma terrível queimadura me vem às têmporas. Acho que entendo agora como é que se mata. Reconversação - as mandíbulas cerradas. Eu subo à ponte superior, na escuridão, e findo minha jornada, após ter tomado decisões de trabalho, diante do mar, da lua e das estrelas. – As águas estão levemente iluminadas na superfície, mas sentimos sua obscuridade profunda. O mar é assim, e é por isso que eu o amo! Apelo à vida e convite à morte*<sup>28</sup>.

Quando Camus se refere ao homem absurdo, refere-se ao homem que conheceu o absurdo, que está consciente e, como consequência, trilhará o caminho humano. O autor não

---

<sup>26</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>28</sup> JANER, Cristaldo. *Mensageiros das Fúrias- Uma leitura Camusiana De Ernesto Sábato.* p. 19.

quer saltar os limites do absurdo, mas procura viver dentro dele. Instala-se mediante a condição de homem no mundo, sem se preocupar com questões de transcendência. É próprio da condição e dignidade do homem viver a sua fatalidade, num universo sem providência divina, aceitando sua condição e pondo sua felicidade no cumprimento de sua tarefa.

O absurdo nasce em nós a partir do desejo da unidade, transparência e verdade, proclamado pelo homem diante do mundo. As coisas não são absurdas em si mesmas, senão a partir do contraste entre a nossa busca de sentido e o silêncio do mundo diante de nossa busca. *Sim o homem é o seu próprio fim. Ele é o seu único fim. Se quer ser alguma coisa é nesta vida*<sup>29</sup>.

Para Camus, no absurdo, a única verdade que se constata é o próprio absurdo. Não há outra solução, a não ser mantê-lo de modo consciente. Descartes procura uma primeira evidência, um ponto seguro no qual pudesse embasar sua teoria. Queria um ponto de partida para situar as demais certezas, sem sombra de erro. Constata a evidência do *cogito* após minuciosa análise e constrói sua fundamentação epistemológica.

A exemplo de Descartes, Camus quer uma primeira certeza, uma primeira constatação com relação ao homem. Este fato, para Camus, é o absurdo. O absurdo é o limite dentro do qual se tem que organizar a vida, a única coerência de que dispomos. Recusar o absurdo é abster-se de ver com clareza e evidência. É recusar a única certeza que se dá ao nível humano. *Assim, como todas as coisas, o absurdo termina com a morte. Mas também não pode haver absurdo fora deste mundo. E é com esse critério elementar que eu julgo que a noção de absurdo é essencial e que ela pode figurar como a primeira das minhas verdades.*<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup>CAMUS, MS, p.107.

<sup>30</sup>Ibidem, p. 49.

Na filosofia camusiana, não há lugar para a salvação ou para o divino. Isto seria considerar a vida um meio. Seria matá-la. A vida tem que ser vivida com toda sua intensidade. O mundo de Camus não é regido pela vontade de um Deus transcendente. É dominado pela vontade incessante do homem decidido a *fazer-viver* o absurdo para continuar sendo homem.

O homem absurdo de Camus é um homem que diz sim e não, esclarecendo lentamente. O homem absurdo é um homem sem amanhã. Está cercado. São os homens encerrados na cidade de Orã, lutando contra a peste, sem saber se no dia seguinte estarão vivos ou mortos. Mesmo assim, deveriam continuar a lutar. Não há como fugir e, muito menos, meios para tal. A única saída é enfrentar a situação. *A virtude está na fidelidade a este mundo e ao homem terreno que sou*<sup>31</sup>.

Camus chama atenção para o homem que no seu despertar descobre o absurdo e nada faz. É preciso, entretanto, construir, a partir do absurdo, uma filosofia e uma moral.

*A grande lição das núpcias entre o homem e o mundo é a da constituição de uma exigência moral e de uma regra. Toda a obra de Camus transpira esta moralidade. Uma regra moral fundamentada na sensibilidade. Agir, procurando aquela claridade de um dia de sol ou da paz de uma noite estrelada.*<sup>32</sup>

Há um aparecimento da consciência absurda: *ela aparece em Camus mais como uma exigência moral do que como uma afirmação vital ou racional e uma exigência à moral frágil, que não subsiste senão por um esforço constrangedor, sempre desfalecente, da vontade*<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. p. 28.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.29.

Notamos que o absurdo é destinado a ser uma ponte entre o homem e o mundo. Camus dá um primeiro passo para superar o absurdo ao emitir juízos de valor. O absurdo é um ponto de partida, um método, e não a conclusão de sua filosofia. *A grande tarefa camusiana é a da superação do absurdo, o que não quer dizer sua eliminação. A revolta é a consequência da visão absurda*<sup>34</sup>.

### 1.3.2 A vida tem sentido?

O homem, no entanto, tem que dar uma resposta frente ao absurdo. A primeira tentativa é o suicídio, mas é logo afastada, pois o suicídio não representa, realmente, uma solução. Não enfrenta o problema. Foge, é um salto. A morte, quando tem sentido, justifica uma vida. Quando não se conhece as razões do morrer e do sofrer, a morte apresenta-se como um sem-sentido.

A pergunta pelo sentido da vida e pelo sentido da morte não é tão simples como se apresenta. Ela traduz anseios e esperanças do homem. Perguntar pela vida e pela morte é perguntar pelo homem, pelo que é, pela sua essência, de onde veio e qual seu destino. O suicídio, como fuga, não permite o ato consciente da pergunta pela vida e pela morte.

A esperança é a segunda tentativa de solução. Mas, também, não é possível. Pois ela suprime o absurdo em uma transcendência. O absurdo não pode ser suprimido como objeto próprio de nossa existência de um ser superior que garanta a subsistência efetiva.

---

<sup>33</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Desespero dos Desesperados*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, pp. 66-7.

<sup>34</sup> GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. p. 34.

*O homem absurdo, ao contrário, não processa esse nivelamento. Reconhece a luta, não despreza de modo algum a razão e admite o irracional. Desse modo, ele encobre do olhar todos os dados da experiência e não está nada disposto a saltar antes de saber. Ele sabe, somente, que nessa consciência atenta não há mais lugar para esperança*<sup>35</sup>.

Este sentimento do homem merece ser refletido. O sentimento do absurdo tem um começo muito próprio. É negar o sentido do mundo. É não admitir Deus. Pois não há razões que expliquem *o ser-aí* do homem. A vida é vã. Carece de *conteúdo* e de significação própria. A verdadeira solução que Albert Camus encontra diante do absurdo é a revolta.

Camus não permanece na posição do absurdo. As duas experiências pessoais, ou seja, a participação no movimento de resistência em geral e a experiência da guerra, são, para ele, motivo de novas meditações e levam-no a corrigir as posições de partida. *A Peste* e *O Homem Revoltado* são as duas expressões reflexivas mais importantes desta mudança na linha de seu pensamento. A guerra e a resistência foram experiências primordiais de solidariedade. *Esse mundo absurdo e sem Deus se povoa então de homens que pensam claro e já não esperam mais.*<sup>36</sup>

O autor de *O Homem Revoltado* proclama que a vida não tem sentido. Não estaria esta ausência de sentido fundada na sua descrença em um ser superior? A visão cristã mostra que a realização daquele que tem fé é possível mediante a sua relação com Deus. O cristão encontra sua completude, como finito, tendo em quem se amparar. Camus nega esta realidade. Quer viver o sensível, o possível que se esvai com a morte. Ao homem deve caber a preocupação com o cotidiano do aqui e agora. Não há espaço para um tempo de espera.

---

<sup>35</sup> CAMUS, *MS*, p. 55.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 111.

O silêncio no qual se apresenta a morte abarca toda a vida. Mostra ao homem a negatividade do *não-ser-mais*. A ameaça da morte faz com que o homem sinta necessidade de proteção. Se não há a esperança de uma salvação possível, não se torna ela uma violência ao homem? A morte nos lança no mistério, abrange a totalidade que somos. Ela é o limite que nos faz perceber até onde podemos ir ou não.

Camus, diante da evidência da morte quer levar, às últimas conseqüências, um pensamento. Para isso, previne-se contra toda esperança transcendente, que só viria distorcer o problema e assim cairia no salto que ele condena em outros existencialistas. Partir do absurdo é uma evidência, mas pensamos que Camus não permanece nele. O filósofo quer tirar todas as conseqüências desta evidência<sup>37</sup>.

Após a análise do conceito de absurdo, percebemos que se torna cada vez mais claro o pensamento de Camus. Diante disto, refletimos acerca do problema de Deus neste autor. Tem sido ele um ateu ou antiteísta? Quais as razões que fizeram com que em determinados momentos Camus negasse a Deus? Não estaria o autor apresentando um novo conceito de humanismo baseado numa nova concepção de homem?

Nos pensadores contemporâneos, como Sartre, o humanismo sem Deus apresenta-se aos nossos olhos em forma de tomada de posições violentas. A abstenção dá lugar à negação refletida, à recusa consciente de Deus. A dúvida cética transforma-se num dogmatismo

---

<sup>37</sup> Concluimos, dizendo que há um problema moral sério em Camus procedente da morte das pessoas inocentes e que será objeto do estudo que segue.

formal<sup>38</sup>. Já no início da filosofia moderna, a dúvida tinha um papel preponderante. Traz Deus para a terra ao nível do homem, insere-o no tempo e na história.

O humanismo ateu afirma em princípio que Deus é um empecilho à manifestação plena do homem, um rival que impede suas aspirações e sua liberdade. Deus é um adversário à dignidade do homem. Tais posturas encontramos em Feuerbach e Sartre para os quais é preciso escolher entre Deus e o homem, não é possível meio termo. Eles suprimem Deus, pretendendo, todavia, conservar ou restituir os valores morais a partir, unicamente, da consciência do homem.

Uma outra característica do ateísmo contemporâneo é derivada da admiração exclusiva pelos métodos das ciências positivas. Nesta concepção, Deus é uma hipótese inútil, que não tem lugar no mundo. A idéia de Deus impede à ciência de progredir.

Ainda encontramos posições como a de Nietzsche e a de Camus, onde a negação de Deus não é uma verdade, nem um erro, mas uma decisão tomada; não há Deus. O ponto de partida é a negação de Deus. Ao mesmo tempo em que negam a Deus, perseguem-no na pessoa daqueles que crêem, no caso de Nietzsche. O ateísmo não se apresenta para discussão. Há uma atitude firme de negação de Deus. Não há mais Deus para justificar os atos e os acontecimentos do mundo.

O herói de *O Estrangeiro* mata sem saber o porquê. Vê-se condenado à morte sem que seus juízes compreendam seu crime melhor que ele. Em *A Peste*, descreve a fatalidade

---

<sup>38</sup> A dúvida é um dos grandes marcos iniciadores da filosofia moderna. Descartes, pai da modernidade filosófica, transforma a dúvida fazendo dela o início do questionamento sobre a verdade das coisas. *O Discurso do Método* apresenta uma desconstrução de tudo o que era, até então concebido como verdadeiro. O novo reconhecimento do que é verdadeiro, agora, acontece quando o conhecimento não pode mais ser posto em dúvida. Cf. *Discurso do Método*. Descartes. Cap. IV.

injustificável que pesa sobre os homens. *Calígula* eleva a extremas conseqüências a visão absurda do universo e da existência humana. Junto com o problema de Deus, situa-se em Camus o problema do sentido da vida. Camus procura uma justificação perfeita. Esta não pode ser alcançada, porque se depara com uma realidade desesperadora: o sofrimento dos inocentes que, para ele, é a máxima injustiça.

O universo se apresenta sem nenhuma finalidade, sem estar governado por nenhuma lei ou princípio, a não ser o que é pensado pelos humanos. Se nasce, vive e morre, sem que haja uma explicação realmente satisfatória de todos estes atos. Camus não se revolta contra Deus, pela simples razão que, se a palavra Deus significa algo, parece impossível encontrar para Deus um lugar qualquer neste universo absurdo. Toma o universo em si mesmo, em sua pura imanência e revolta-se contra a situação em que o homem se encontra. Camus nutre uma grande fé pelos valores da vida, pelo homem. A sua descrença com relação a Deus é porque a fé implica uma desvalorização da vida.

*(...) a obra camusiana torna-se mais serena; desinteressando-se cada vez mais da ideologia cristã, Camus exorta-nos com fervor a participar da luta pelos universais concretos, contra a injustiça e a violência. (...) Esta conclusão é decisiva: Camus nunca se preocupou seriamente com o problema de Deus; sua incredulidade é um ponto de partida, uma negativa prévia.<sup>39</sup>*

Na sua prosa, se destaca o pensamento filosófico do absurdo. Sua criação, impregnada de arte, se move dentro dos limites da imanência. Ele pensava com coragem, força e decisão. Nunca fez alusões acerca da sabedoria. Sua arma não era a fé, senão um desespero digno, um niilismo original, um certo pessimismo que dava suporte à honra de

---

<sup>39</sup> MOELLER, Charles. Op. Cit., p. 83.



viver. Não cultivava a esperança metafísica dos cristãos. Também não tinha uma resposta para o suicídio glorificado pelos *surrealistas*.

Camus percebe que para o homem não há repouso nem em Deus, nem na história. O homem é um estrangeiro. Não só não tem onde permanecer, como também não tem onde espelhar-se, contemplar-se. O contato profundo de Camus com o momento crucial que a civilização vive, ajuda-o a situar-se frente ao problema de Deus. Ele se preocupa com a justiça, com a necessidade de apontar e castigar os culpados, que estão ao lado da violência.

Em *A Peste*, Camus debate o problema do mal. Mas apesar do desafio da praga todos lutam para combater este mal. Camus reconhece neles e em suas lutas o heroísmo. Desligado de toda transcendência, mantém somente a fidelidade ao humano,

*(...) a afirmação de uma lealdade que, tendo em conta a ausência de Deus, descobre o homem e a ele se junta na luta contra todos os absurdos que o oprimem e o alienam. Transfiguração de uma aventura coletiva decerto, mas sobretudo transfiguração do homem – de um homem que emerge, entre os homens e à semelhança deles, renovado e generoso<sup>40</sup>.*

Resta aceitar o mundo como ele se apresenta, temporal. Não se pode odiar a Deus, nem dizer que é injusto e que Ele não existe. Em *O Homem Revoltado*, Camus quase não se preocupa com a questão de Deus. Para ele, este tema estava, suficientemente, esclarecido e resolvido pela negação. Estabelecer um universo sagrado é não deixar lugar para a revolta, não havendo, neste caso, uma responsabilidade do homem, mas de Deus. A fé e o obscurecimento da vida, visando a uma realidade além, incontrolável pelo homem como um ser que deseja unicamente a harmonia como finito. *O sofrimento gasta a esperança e a fé<sup>41</sup>.*

---

<sup>40</sup> MATHIAS, M.Z. *A Felicidade em Albert Camus: aproximação à sua obra*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 88.

<sup>41</sup> CAMUS, HR, p. 374.

Camus, iluminado pela consciência absurda, professa um humanismo positivo e evidente, não admitindo a idéia de uma mediação divina. O autor não pode aceitar que haja um Deus que tenha criado o sofrimento. Frente ao absurdo da morte vê sumir a esperança. É o destino mortal do homem. Assim, no momento em que a morte é o limite e o fim, recusa toda e qualquer idéia de salvação que tenha seu fundamento em Deus, na esperança. Sem uma salvação, cabe ao homem procurar sua felicidade nos limites humanos. Assim, entendemos porque temos que imaginar Sísifo feliz, apesar do sofrimento.

Camus é um grande reivindicador por condições humanas melhores. Ele busca a reparação para todas as injustiças do mundo. E a maior de todas é o absurdo que, sendo a expressão do sem-sentido, não autoriza a esperança. O homem não pode viver sem um projeto de vida. Deve buscar, incessantemente, novas formas para viver feliz e dignamente, cultivando um novo humanismo.

Moeller diz que a fascinação perante o sensível é uma das notas características do espírito contemporâneo. Percebe-se, contudo, uma ausência de vivência interior. O existencialista cristão, Gabriel Marcel, faz a seguinte distinção entre o ateísmo e o antiteísmo: *o ateísmo formula-se pouco mais ou menos assim: não há nenhuma razão de pensar que Deus existe; pelo contrário, o antiteísmo afirma: não se pode pretender que Deus exista.*<sup>42</sup>

O ateísmo de Camus é contraditório, pois no momento em que nega Deus, também pede contas e exige justificativa deste mesmo Deus. Camus quer quebrar o silêncio hipócrita dos homens que são indiferentes aos dramas de nosso tempo. Deus ou qualquer verdade absoluta não pode servir de justificativas a qualquer injustiça.

---

<sup>42</sup> MOELLER, Charles. Op. cit p. 44.

Camus declara em sua conferência aos cristãos em dezembro de 1946 o seguinte:

*Eu não parto do princípio de que a verdade cristã é ilusória. Simplesmente nunca penetrei nela. Que espera em verdade o mundo? – continua Camus. – Este mundo que vive fora da graça na proporção de 80%, encontra-se diante do problema do mal. Os homens da minha geração têm vivido na revolta. Duvidaram de todas as purezas. Viram o assassinato legitimado, a tortura aceita como uma simples servidão. Nos pavimentos do edifício da Gestapo na rua de la Pompe, ecoam ainda gritos de supliciados, mas a digna zeladora do prédio declarava: “Nada tenho a ver com o que fazem ao meus inquilinos”. Já é tempo de quebrar estes silêncios cúmplices.<sup>43</sup>*

Por considerar mais nobre viver, sabendo que o homem é mortal, Camus recusa o princípio de uma esperança transcendente. A deformação da vida cristã que pôde testemunhar, o egoísmo de muitos cristãos e suas atitudes incoerentes chocam-no. Percebe que o homem contemporâneo é, continuamente, enganado, pois não assume suas responsabilidades e seus compromissos.

### 1.3.3 Revolta

A revolta de Camus se inspira em uma mensagem de salvação e se funda em uma esperança. *Yo participo con ustedes el mismo horror al mal; pero no participo vu sestra esperanza y continúo en mi lucha contra este universo en donde los niños sufrem y mueren*<sup>44</sup>.

Entre todos os que se professam ateus na contemporaneidade, não é de se estranhar que Camus seja o mais simpático aos cristãos abertos. *El humanismo de Camus, en este aspecto, está muy cerca de un humanismo Cristiano porque ambos tienen una misma base: el amor.*<sup>45</sup>

<sup>43</sup> CAMUS, apud. MOELLER, p. 37.

<sup>44</sup> MOREJON, Juan Valdano. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca, Equador: Monterey, 1973. p. 131.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 141.

O revoltado não professa, primeiramente, o ateísmo, mais desafia Deus do que o nega. Fala-lhe de igual para igual, intima-o perante a justiça, insere-o no tempo e na história, submete-o a uma existência absurda.

Camus mostra que o homem revoltado, ao negar Deus, não prova de modo absoluto sua existência. A única desculpa para Deus é que ele não existe. Um Deus todo poderoso que cometesse tais atos seria imperdoável. Rieux não agüenta mais essa logicidade absurda e reage: – *Não, padre.(...) Tenho outra idéia de amor. E vou recusar, até a morte, amar esta criação em que as crianças são torturadas*<sup>46</sup>.

Os existencialistas que negaram a Deus, proclamando-se ateus, foram realmente ateus? Ou antes a negação se fazia para encobrir um íntimo e profundo desejo do infinito? Segundo nossa compreensão, o que eles expressavam, mais que negação, era sua insatisfação frente à idéia, demasiado humana, de Deus. Descreviam um Deus antropomórfico e desmistificavam os símbolos da religião. Seu ateísmo toma um aspecto diferente. No fundo há uma negação à forma humana de professar e apontar os caminhos de uma religião. A que se deve o mérito de Camus? A estima que se dedicou a ele, sobretudo na França, foi devido ao seu modo de apresentar o problema. Pois verdadeiros criadores não nascem todos os dias, nem todos os anos, tampouco em todos os tempos.

Vamos acenar para outro problema que deixou Camus muito perplexo. É o drama do sofrimento dos inocentes. Não poderíamos conciliar um Deus bom e justo com o sofrimento

---

<sup>46</sup> CAMUS, *HR*, p. 374

do inocentes? Por que Camus não aceita essa relação? Não é tarefa nossa aliviar o sofrimento? Tudo o que acontece é culpa de Deus? Qual é, então, a idéia camusiana de Deus?

O que mais preocupa Camus é a morte, considerada como máxima injustiça feita ao homem. Mas é justamente frente a tal problemática que se coloca, exatamente, a questão de uma exata concepção de Deus. Pois, de acordo com nossa compreensão, podemos crer, como, também, professar o ateísmo.

Poder-se-ia perguntar a Camus se sua concepção de Deus não é, demasiadamente, superficial. O autor de *A Peste* não procura perguntar quem é Deus. Não se remete à natureza de Deus. Não procura a raiz da problemática. O problema do ateísmo, da crença ou não em Deus, embora à primeira vista se apresente com roupagens de superficialidade, é muito mais profundo. O problema não é tanto saber se Deus existe ou não. É saber acerca da idéia que se tem de Deus, para que este problema não seja tratado com *pré-conceito*.

Todos nós, um dia morreremos. Esta é uma situação fundamental que constitui como que um muro diante de nós e perante o qual fracassamos. Tais situações escapam a uma visão objetiva. Elas são sentidas, mas não compreendidas, intelectualmente. Existir é sentir-se limitado, é ter o sentimento de impotência e de fracasso, e, ao mesmo tempo, a consciência de um impulso que persiste em nós.

A morte apresenta-se como o fato de maior lucidez, pelo qual os homens passam. Ao mesmo tempo, apresenta-se como dúvida, pois não responde e não dá garantias. Sua certeza é

a destruição e o fim do homem. *Expliquei-lhe que não estava desesperado. Tinha apenas medo, como era natural*<sup>47</sup>.

O problema do niilismo, em Camus, está diretamente ligado à morte. O filósofo tem uma visão profunda deste problema, como poucos pensadores tiveram. Viu na morte um acontecimento que se desenrola durante a vida e que pode ser refletido pelo homem. O fato de o homem morrer e não ser feliz é identificado como ausência de sentido. Esta ausência de sentido apresenta-se como degradação humana dos valores, como falência de um projeto civilizatório e niilista.

*(...) a única solidariedade humana indiscutível – que está na base dessa incessante procura da felicidade. O absurdo é a conscientização dessa exigência. É pois a morte que o impele para a felicidade, que a torna à sua maneira não só evidente, mas necessária, justa, legítima. ‘Só há no mundo. A felicidade e o absurdo são filhos da mesma terra. São inseparáveis’<sup>48</sup>.*

Pela leitura e análise dos textos de Camus, vemos, de modo implícito, que ele apresenta a morte não somente como um momento derradeiro, como fim último, mas analisou-a sem medo. Ela é a constante possibilidade que nos é apresentada para compreender nossa vida. Esta compreensão apresenta-se como necessidade para melhor viver a vida e encontrar-lhe um sentido. Esta busca de sentido se torna mais clara à medida que avançamos progressivamente nos textos de Camus. Ele analisa e descreve o absurdo. Vai, contudo, paulatinamente, abandonando-o. Assim, verificamos esta procura de sentido, sem a qual a própria revolta seria incompreensível.

Toda obra de Camus tem uma característica comum que é a defesa da vida humana. Isso está expresso de diversas formas e com várias entonações, sendo a revolta uma delas. A revolta é vista por Camus como uma característica pertencente ao homem do século XX em

---

<sup>47</sup> CAMUS, *OE*, p. 120.

<sup>48</sup> MATHIAS, M.Z. *op.cit*, p. 49.

todas as latitudes. Camus esforça-se para que percebamos que a revolta salvará o homem, na medida em que tiver uma percepção apurada e realista da história presente da humanidade. *O propósito deste ensaio é uma vez mais aceitar a realidade do momento... trata-se de um esforço no sentido de compreender meu tempo*<sup>49</sup>.

Camus chama a atenção para o fato de que a revolta só pode ser encontrada nas sociedades modernas, espaço próprio e desencadeador da revolta do homem contra todas as estruturas. O homem não pode viver preso ou sufocado pela privação das necessidades vitais. A liberdade e a capacidade de sonhar sempre devem se fazer presentes na vida do homem.

É importante frisar que revolta não é sinônimo de revolução. A revolta permite ao homem tomar consciência de seu próprio valor, que se transforma então na própria razão de ser de sua existência. Ela nasce do sentimento de ameaça de uma determinada ordem. A revolta é própria do homem informado, consciente dos seus direitos. *A revolta é no fundo a descoberta, por homens conscientes, da existência de outras pessoas. O homem revoltado abandona seu egoísmo e dá as mãos para o seu semelhante. Deste ponto de vista, escreve Camus, a solidariedade humana é uma certeza filosófica*<sup>50</sup>. O homem revoltado sai de seu egoísmo e dá as mãos ao semelhante. Procura juntamente com o outro, o próximo, a construção de um projeto novo onde não haja exploração.

Por outro lado, a revolução representa um movimento que vai de um extremo a outro. Começa com uma idéia estabelecida e clara. O mundo pelo qual luta já está, claramente, definido na teoria. Não há espaço para autocrítica, há apenas o desejo incontrolável pelo poder e práticas, muitas vezes, arbitrarias. *A revolução consiste no*

---

<sup>49</sup> CAMUS, HR, p. 12.

<sup>50</sup> BARRETO, Vitor. *Camus: Vida e Obra*. Lisboa: José Álvaro, 1978, p. 72.

*transplante da idéia para a experiência histórica. A revolta, pelo contrário, é movimento que leva da experiência histórica às idéias.*<sup>51</sup>

As conquistas revolucionárias acabam negando a solidariedade humana. O revolucionário não consegue conciliar a liberdade com a justiça. A revolta genuína trata de forma semelhante a justiça e a liberdade. A justiça tornar-se-á uma realidade construída na medida em que houver permanente liberdade de protesto e aumento da comunicação humana. A história do século XX está repleta de exemplos eloqüentes a esse respeito. Os bons e generosos propósitos dos revolucionários acabam em tirania, injustiça, fome e campos de concentração.

#### **1.3.4 As Concepções de Revolta**

Camus concebe a revolta do ponto de vista histórico, metafísico e artístico. Na revolta metafísica o homem se revolta contra sua condição e contra a criação. Os revoltosos metafísicos exigem do próprio criador o respeito a um princípio de justiça. A revolta torna-se mais universal, contestando toda ordem estabelecida, inclusive a ordem divina. Não é um ateísmo, pois o revoltado fala de igual para igual com Deus, desafiando-o. *As conclusões dos revoltados só foram nefastas a partir do momento em que rejeitaram a revolta e suas responsabilidades, deixando enfraquecer a tensão inerente em todo protesto contra a morte que é, no fundo, a razão de toda a revolta metafísica.*<sup>52</sup> A revolta metafísica procura atingir o âmago dos problemas humanos desvendando as angústias e as causas dos grandes sofrimentos.

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 82.



O revoltado metafísico procura descobrir as causas de seu mal. Procura uma razão que justifique seu sofrimento. *A revolta é em última análise a busca inconsciente de uma moral.*<sup>53</sup> Apresenta-se como manifestação nobre do ser humano, porque não quer apenas desconstruir o estabelecido, mas exigir uma nova moral, acima das máscaras e vaidades que obnubilam o verdadeiro significado da existência humana.

Na revolta histórica, Camus mostra, em uma ampla análise, que a história contemporânea é o atestado mais eloqüente das manifestações de revolta. Todo esforço de Camus consiste em superar o absurdo, sem negá-lo, todavia. Como superar essa aparente contradição? A revolta aparece como meio à disposição do homem para reagir diante do absurdo. Manifesta-se como atitude filosófica que serve de transformação existencial. O revoltado crê em algo. Quer uma vida melhor. A revolta é protesto contra as injustiças e a incompreensível condição humana.

A revolta artística foi, também, objeto de preocupação do pensamento camusiano. Um pensador com essa aguçada sensibilidade não poderia deixar de explorar essa dimensão tão supra-sensível. Para ele, a arte é a mais pura realização da essência da rebelião, esta que se deve observar fora da história, no seu estado puro, longe das contingências dos acontecimentos históricos, na sua manifestação primitiva. A arte, em última instância, deve dar-nos uma perspectiva definitiva sobre o conteúdo da rebelião.

Pode-se negar toda a história humana. Devemos, entretanto, encontrar a felicidade na admiração da natureza, porque frente a esta se desperta a força criadora que nos conduz ao

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 83.

próximo. O artista é um rebelde porque não se contenta em copiar a realidade e aceitá-la tal como é, senão que a estiliza, transformando-a de acordo com seu ideal estético.

Existe uma ligação profunda entre *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado*, no pensamento de Camus. O absurdo não é o ponto final, mas ponto de partida teórico para conclusões práticas, com a intenção de apresentar uma nova proposta de vida. *Considerava a luta por uma justiça aproximada o maior e o mais difícil desafio para o homem.*<sup>54</sup> Camus não faz do absurdo uma doutrina, mas um método oportuno para construir uma moral mais consistente. O absurdo é a base pelo qual compreendemos Camus e sua revolta, uma vez que o absurdo configura uma clarividência diante do sofrimento humano. A conduta em relação ao absurdo não é de permanência nele, pois esta não resolve o conflito. Temos que superá-lo. A revolta supõe este ato de superação, a fim de sairmos do abismo do sofrimento.

Podemos nos perguntar: quem é o revoltado para Camus? É o homem que diz “*oui*” e “*non*” desde o seu primeiro movimento. Por trás do não, da negação revoltada, está o dizer não à interrupção da vida. É afirmar, decisivamente, que não se quer morrer. A revolta é, essencialmente, um ato contra a condição humana injusta e intolerável. Por isso devo dizer *não*. O ponto de partida é uma negativa em relação à injustiça e humilhação sofridas. É uma luta contra a condição miserável na qual o homem está jogado, não se realizando como ser humano.

Quando o homem não é respeitado, o revoltado faz-se ouvir. A revolta constitui-se como recusa a uma situação confusa, sem valores distintos, aos quais o homem possa apegar-se. É o movimento de alguém que diz não, que não está disposto a suportar sua servidão.

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 67.

Trata-se de recuperar a dignidade perdida ou ofendida. A revolta é a expressão do clamor por um direito inalienável do homem. *Nem todos os valores conduzem à revolta, mas todo o movimento de revolta invoca tacitamente um valor*<sup>55</sup>. Há contra-valores que alienam o homem, sufocando-o, impedindo que a transformação social ocorra. O radicalismo político, que prega a verdade única na luta por justiça, a ignorância e o fanatismo religioso que impedem o homem de atingir a verdade plena são exemplos de contra-valores.

A revolta implica, ao mesmo tempo, a negação e a afirmação. A afirmação é a existência de um valor, é a existência de uma parte à qual o revoltado adere. *Um homem que diz não. Mas, ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, a partir do seu primeiro movimento.*<sup>56</sup> Por isso, o mais importante não é a resposta verbal que o ser humano dá, mas, sobretudo a resposta comportamental, através de atitudes inovadoras que visem incluir na sociedade de consumo o homem, ou criem novas formas de solidariedade.

A revolta nos traz aquilo de que precisamos para sobreviver. É por ela que nos humanizamos. Na revolta se funda o valor da existência humana. Ela afirma um valor, qual é esse valor? É um valor absoluto? Camus prescinde de princípios absolutos ou transcendentais. A revolta afirma a liberdade. O ato rebelde apresenta uma experiência ontológica fundamental. Manifesta um aspecto axiológico, pois o ser que sou se apresenta como valor que transcende minha existência e meu ser-no-mundo. *Eu sou* é a comprovação inicial de uma existência mais ampla que o ser-comum. *A análise da revolta conduz pelo menos à suspeita de que existe uma natureza humana...*<sup>57</sup> O homem tem uma missão a cumprir, um papel a desempenhar que não é oferecido pela tradição das religiões.

---

<sup>55</sup> CAMUS, *HR*, p. 26.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 29.

O ato de revolta dá ao homem a experiência da solidariedade, porque na revolta, na luta pelo verdadeiro humanismo, o homem se reconhece como impotente para conseguir vencer sozinho os desafios. A solidariedade é a experiência que o homem faz para sair de seu egoísmo e reconhecer no outro alguém que necessita de sua ajuda, de seu conforto. Nela há uma simbiose, uma reciprocidade de sonhos e projetos e, sobretudo de realizações. Só o homem pode ser solidário. É solidário à medida que percebe nos outros, homens e mulheres, pessoas que buscam realizar seu humanismo. O homem é um ser concreto. Deve ser amado e respeitado. Assim, pode dizer Camus em *A Peste: Torna-se uma idéia pobre e bem pobre, na medida que se afasta do verdadeiro amor*. Este amor é experimentado na solidariedade.

Camus nos ensina a agir em prol dos mais sofridos porque esse valor pertence a toda humanidade. *Age assim em nome de um valor, ainda confuso, mas de que possui uma noção: a de que esse valor, pertencendo-lhe, é comum a todos os homens.*<sup>58</sup> Essa é a atitude que visa a tirar o homem do seu egoísmo e da situação injusta, pois mostra ao homem que não está só, mas é um ser-com-outros. A revolta para um homem só é uma prisão, se permanecer em um círculo fechado. O solipsista nunca se torna plenamente homem, porque não comunga dos anseios e esperanças comuns.

A felicidade terrena exigida por Camus está em íntima conexão com o problema da unidade do ser humano, da relação com o sentido da vida, com a transcendência que é o outro. A revolta é a solução para os problemas, enquanto não perde de vista o homem; ela está ligada a nós. Basta lembrar *o cogito camusiano, eu me revolto, logo somos. Na nossa provação quotidiana, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do*

---

<sup>58</sup> Ibidem, p. 28.

*pensamento; é a primeira evidência.*<sup>59</sup> É o encontro com o humano pela solidariedade. É a semelhança no que somos, fazemos, sofremos e lutamos. A unidade não se faz perfeita se não há relação íntima com o mundo.

A revolta é própria da condição humana. O homem a sente, vive-a e *leva-o a afirmar que a revolta constitui uma das dimensões essenciais do homem.*<sup>60</sup> A revolta é o sentimento latente, semelhante à peste. Atinge a todos e a cada um. O ponto de partida é a injustiça que cada um sofre. (...) *para deixar ao menos uma lembrancinha da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar*<sup>61</sup>. Este é um dos legados do pensamento de Camus, ou seja, sua clara noção de que apesar das mazelas do homem, há infinitas belezas em sua vida que não são ofuscadas por nada.

O homem revoltado é incapaz de aceitar as injustiças. *Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós.*<sup>62</sup> O homem revoltado não se limita a uma moral de consciência, pois é expansivo e estende-se aos demais. Não é só consciência individual, mas é o homem que, por escolher-se, escolhe os demais, vendo neles um ser capaz, um semelhante. Quando *o eu sou* é ultrapassado, chegamos *ao nós somos*. Vou além de mim. Chegar ao *nós somos* é mostrar que se justifica e respalda o autêntico ato de revolta efetivando-se a manifestação de uma *solidariedade metafísica*<sup>63</sup>. *O absurdo* se eleva à revolta. Esta não tira o homem do desespero. Pelo menos permite-lhe a existência de um outro vínculo, de uma complexidade que une, misteriosamente, a todos os seres humanos. Esse é o ponto em que Camus se separa de Sartre.

---

<sup>59</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>60</sup> MATHIAS, M.Z. op. cit. p. 36.

<sup>61</sup> CAMUS, AP, p. 268.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 38.

Camus jamais quis reduzir o homem a um nada.

*...pois tinha consciência da grandeza existencial e única do homem. Antes, colocasse objetivos: a aceitação de sua condição de limite; a felicidade gozada por todos; o vínculo com o mundo, consagrado pela própria estrutura da existência humana; a luta contra o mal que atinge os inocentes e a contínua busca da justiça, para que não haja mutilação na grandeza da vida do homem<sup>64</sup>.*

O ato que define o homem põe em evidência a condição humana, a dimensão de revolta. Nela se descobre a solidariedade humana e se cria uma fraternidade que dá uma textura comum aos homens. Camus em *A Peste* nos oferece, magistralmente, um exemplo desse sentimento único que nos torna humanos.

*Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinha da cidade, Rieux lembrava-se de que esta alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que esta multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz<sup>65</sup>.*

A peste pode permanecer anos sem se manifestar, mas está latente na sociedade. Está nos submundos. Pode, a qualquer momento, e de várias formas eclodir para a desgraça total dos seres humanos.

Nesse momento de nossa história, o cenário da peste se encontra vivo e com mais nitidez. Deparamo-nos com os ratos entrando, sutilmente, nas nossas casas, perturbando nossa vida de alegria e impossibilitando nossa emancipação. Estamos, diariamente, a ouvir um sermão para que permaneçamos passivos diante da realidade que aflige os tocados pela peste que habitam o submundo do cotidiano de nossas vidas. Submersos numa vida sem sentido e longe de qualquer esperança que o capitalismo lhes possa oferecer. A paz buscada por um

---

<sup>63</sup> CAMUS, *HR*, p. 29.

<sup>64</sup> PIRES, Cecília. *A Peste ou o Diálogo dos Excluídos. Diálogo*. Revista Temática Acadêmica – Científica do Centro Universitário La Salle, Canoas, n. 1, 2000. p. 200-201.

<sup>65</sup> CAMUS, *AP*, p. 269.

dos personagens do romance é muito mais do que a quietude do anonimato ou o silêncio obsequioso dos escravos. Ela quer produzir esperança na cidade dos homens.

A mensagem camusiana é sincera, porque é o testemunho da sensibilidade de uma realidade, de uma época. O filósofo apresenta uma consciência aguçada para com os problemas do ser humano, principalmente, os atuais. Interroga-se a respeito do homem e de sua relação com o mundo. Camus é testemunha eloqüente do momento crucial em que o homem vive. Apresenta-se como humanista e quer resgatar o homem<sup>66</sup>. Sente que o momento histórico é de depressão e angústia.

Camus não se considerava religioso, embora houvesse semelhanças entre suas idéias e as de Kierkegaard<sup>67</sup>. Era humilde, não gostava de vangloriar-se e dizia sempre ser apenas capaz de fazer algumas coisas em matéria de arte. Conheceu a violência que lançou a Europa no nazismo e lutou contra as arbitrariedades e os regimes totalitários da época.

Camus percebeu que, ainda que os homens tenham obtido determinado domínio sobre o mundo físico pela ciência, continuavam a agredir-se. Ele constata que o ser humano é capaz de ações, além daquelas puramente materiais, comprovadas pela ciência. Mostra as contradições existentes no homem que, mesmo com os progressos tecnológicos, continuam a

---

<sup>66</sup> Está implícito a preocupação de Camus em resgatar o *Ethos*. BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha*, Editora Vozes, 1997. p.19. Nos diz: *Ethos – ética, em grego – designa a morada humana. O ser humano separa uma parte do mundo para, moldando-o ao seu jeito, construir um abrigo protetor e permanente. A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si. Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável.*

<sup>67</sup> Sören Kierkegaard (1813-1855), filósofo e teólogo dinamarquês debateu-se profundamente com o conceito de angústia. Camus, todavia, só perfila com as idéias de Kierkegaard no que elas contém de ataque à razão e não quanto à sua transição para o transcendente. Mas Camus considera-o o mais interessante de todos, porque ele faz *do que descobrir o absurdo: tende e vive-o*. Camus, portanto, quer permanecer fiel à razão e pretende a irracionalidade do mundo e o desejo do absurdo. Kierkegaard, pelo contrário, procura na certeza da irracionalidade do mundo a libertação desse anseio do absurdo pela fé. Este, inclusive, extrai esperanças da própria morte e Camus só quer viver com aquilo que sabe e não trai a razão.

suicidar-se, a morrer. Dessa forma conclui que um dos principais problemas do homem e da vida ainda não foi resolvido nem sequer assumido por muitos filósofos: o problema do sentido da vida.

O homem necessita de algo mais que a felicidade sensível. E isso que é dado pela fé, Camus desdenha-o. Se a fé verdadeira ajuda o sujeito a criar um sentido à vida por que negá-la? Por que não resgatar o conceito de religião? A incredulidade contemporânea já não se baseia na ciência como no fim do século passado. Hoje, a falta de fé nega, ao mesmo tempo, a ciência e a religião. Não é mais o ceticismo da razão perante o milagre. Vivenciamos uma descrença apaixonada.

No dizer de Moeller,

*A base da incredulidade de Camus é a rejeição de toda a verdade objetiva, pelo desânimo de a encontrar, pela recusa, talvez, de a procurar. Em meio a um mundo onde a tragédia é a política, onde as “verdades objetivas” não passam freqüentemente da máscara dos crimes. (...) um receio de ser iludido, de ser vítima das “discórdias” políticas e sociais. O homem moderno foi muito enganado.*<sup>68</sup>

Camus entende que a esperança, espiritual, é fuga do real. Fugir diante do confronto com a morte, resignar-se por debilidade. *Porque a esperança, ao contrário do que se julga equivale à resignação, e viver, não é resignar-se*<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> MOELLER, Charles. *Literatura do século XX e Cristianismo - O Silêncio De Deus*. p.46-47.

<sup>69</sup> Esta é sua primeira obra (1936-1937) cuja paisagem mediterrânea expressa o despertar de um homem para a vida consciente, representou muito na formação de seu pensamento. A África do Norte, Florença e Pisa. Segundo Moeller, não se compreenderia a obra de Camus desdenhando a presença destas regiões na sua sensibilidade. Mistura de beleza e indiferença. O foco central da obra: O Romantismo da Felicidade. Passando, também a ser o tema central da sua vida, mas uma felicidade nem que o sentimento do nada se conjuga a uma exaltação da juventude solar do homem. *Com o rosto molhado de suor, mas o corpo refrescado sob o leve tecido que nos veste, exalamos a ditosa canseira de um dia de núpcias com o mundo* (CAMUS, Albert, *Núpcias*, p. 20). Para o autor, a única realidade verdadeira são as núpcias entre o homem e o universo. O homem segundo, Camus, inicia a sua vida em pleno acordo, numa plenitude, espécie de paraíso. Núpcias é o testemunho de uma felicidade encontrada, descoberta, conquistada em virtude de uma necessidade física, na comunhão e na euforia. Camus nos dá uma lição de desprendimento e uma enorme paixão: *Caminhamos ao encontro do amor e do desejo. Não procuramos lições nem a amarga filosofia (...) fora do sol, os beijos, os perfumes selvagens parecem-nos fúteis (...) eu sou como aqueles que eu amo e leio sobre os seus traços o claro sorriso que toma o rosto do amor e ainda os deuses brilhantes no dia voltam à sua morte quotidiana. Mas outros deuses virão (...) não sou eu que conto, nem o mundo, mas somente o acordo e o silêncio que dele a mim fazem nascer o amor* (*ibidem*, p. 14-15 e 22).



O pensador do absurdo exorta-nos a participar da luta pelos universais concretos, contra a injustiça e a violência. Podemos observar que é um modo urgente e necessário de amenizar o problema. A revolta, a transformação das condições externas, minimiza o problema. Entretanto, como resolver os problemas interiores do homem? Camus nos dá a impressão de que não há outras dimensões no homem, pois este não é só percepção sensível, não está aí só para a morte. É um ser psicológico, físico, espiritual, racional. Exige uma justificação. Devemos estabelecer possibilidades e acreditar que as justificações necessárias encontram-se além da simples constatação dos fatos, da imanência pura. Contudo, Camus não se refugia na transcendência metafísica, mas busca a realização completa da felicidade do homem. Esta que não está além do mundo em que vivemos, mas se concretiza no cotidiano e nas realizações humanas.

O foco problemático de Camus é a busca de um sentido para a vida humana que ainda não foi encontrado. Uma reflexão no pensamento de Gabriel Marcel<sup>70</sup> ou de Victor Frankl<sup>71</sup> não poderia ajudar Camus? O homem, como ser finito, terá que buscar um

---

<sup>70</sup> Segundo BOCHENSKI: Gabriel Marcel (1889-1973) pertence com KARL JASPERS, a quem muitas vezes o comparam ao segundo grupo dos filósofos da existência que seguem caminho próprio, na medida em que, ao contrário de HEIDDEGER e SARTRE, primeiramente admitem, a par da transcendência horizontal, uma transcendência vertical ( na direção de Deus) e, em segundo lugar, rejeitam uma ontologia na sentido clássico da palavra e operam não mediante análises racionais, mas antes por meio de meras descrições das vivências existenciais (p. 171-172). Na obra: *Homo Viator*, Marcel apresenta uma fenomenologia e uma metafísica da esperança. A esperança como um alcance ontológico mostrando que a vitória da morte no mundo é só aparente e que não é o fato supremo. O autor considera sua tese da esperança como a mais importante de suas obras. Contudo separa-se radicalmente de Sartre e Camus. Cf. nota rodapé, MOELLER, p. 44.

<sup>71</sup> No dia 26 de março de 2005 comemoramos o centenário de nascimento de Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico, neurologista e psiquiatra, criador da terceira Escola Vienense de Psicoterapia - a Logoterapia. Frankl saiu do campo de concentração, onde viveu a experiência da existência desnuda o que significa ser humano sem nada: sem documentos, sem pertences, um prisioneiro comum. Foi um indivíduo totalmente privado de sua liberdade, num dos piores episódios da história humana, propõe que o homem é um ser livre que, não obstante toda coação e privação externas, é capaz de ter uma atitude última diante da vida. O ser humano é aquele que constrói a câmara de gás e empurra o seu semelhante para dentro dela, mas também aquele que entra na câmara de gás de cabeça erguida, com um *Shmá Israel* ou um *Pai Nosso* nos lábios. Victor Frankl diagnosticou que um dos males do homem de nosso tempo é a frustração existencial, o vazio interior, a sensação de perda do sentido da vida. Não são poucas as pessoas que vivem um correr-corre sem sentido, uma situação semelhante a do personagem mítico Sísifo, condenado pelos deuses a carregar uma pedra até o cimo da montanha, num suplício eterno. *Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Diante do sofrimento inevitável podemos ter um valor atitudinal, uma conquista interior, que configura nossa vida de modo que tenha sentido.* FRANKL, V. E. *Em Busca De Sentido*. p. 80). (...) *Fazer o que a consciência manda que façam,*

complemento para realizar-se. As relações de imanência não o satisfazem. Não lhe possibilitam encontrar um sentido. O homem deve procurar um sentido para sua vida, auxiliado por outras ciências ou outras formas de vida que abram perspectivas positivas de solução para os grandes problemas da existência humana.

Frente à pergunta sobre a existência humana, Camus quer uma solução que responda às interrogações do homem. Que possa dar-lhe oportunidades ou possibilidades de tomar, novamente, as rédeas da história e reconstruir um mundo mais humano pela ajuda solidária, pela realização da dimensão ontológica *ser-com-outros* do homem. *Lutar contra a morte equivale a reivindicar o significado da vida, a combater pela regra e pela unidade*<sup>72</sup>. Assim, nessa luta cotidiana contra a morte tornamo-nos, sempre, cada vez mais humanos e, filosoficamente, amadurecemos nosso humanismo.

Sem nunca ter pretendido ser filósofo ou grande pensador, Camus acabou por sê-lo à sua maneira. Ele nos desperta o desejo de conhecer, cada vez mais, o âmago do ser humano, dissecando sua existência, auxiliado por um humanismo que valorize, verdadeiramente, o homem. No seu silêncio definitivo, interpela-nos. Para conhecer mais profundamente, o propósito do pensamento humanista de Camus, torna-se importante traçar um paralelo ou fazermos uma confrontação teórica com o pensamento de outro gigante teórico do século XX, Jean-Paul Sartre. Desse embate entre Camus e Sartre, perceberemos que há grandes simetrias e concordâncias em seus pensamentos, apesar de suas diferenças.

---

*da melhor maneira possível e aí ver-se-á que a longo prazo a felicidade acontece, precisamente por que esqueceu-se de pensar nela.* Ibidem, p.11. Ver ainda: PINTO, Paulo Roberto M. *Sentido da Vida e Valor da Vida: Uma Diferença Crucial? (Discussão das idéias de Júlio Cabrera)*. Goiânia: Editora Philosophia, v. 9, n. 1, 2004.

<sup>72</sup> CAMUS, HR, p. 141.

Após analisarmos o humanismo em Camus, procuraremos examinar os pontos que consideramos fundamentais no humanismo de Sartre. Indiscutivelmente, o fundamento do humanismo de Sartre reside na sua compreensão da liberdade e da responsabilidade. A partir destes pilares teóricos de seu pensamento procuraremos alargar os horizontes da compreensão do humanismo sartreano, para além dos limites de uma consciência não politizada ou de uma ética sem responsabilidade.

## 2. J. P. SARTRE: AS COMPREENSÕES

### 2.1 Ambiente Filosófico

Em 1944, quando a França consegue se libertar da ocupação nazista, em Paris explode o pensamento existencialista que depois se propaga pelo mundo inteiro. Jean-Paul Sartre é a figura central do existencialismo. Ele denuncia as várias formas de injustiças e opressão, as torturas ocasionadas pelos regimes totalitários, o genocídio argelino e a repressão aos jovens em maio de 1968, na Sorbonne.

São várias as críticas que o humanismo<sup>73</sup> existencialista de Jean-Paul Sartre recebeu<sup>74</sup>.

Os cristãos e os marxistas o acusaram de isolar o homem, trancando-o numa subjetividade

---

<sup>73</sup> Qual o sentido da palavra humanismo? Segundo Nogare, há vários sentidos fundamentais da palavra. *Há o humanismo histórico literário, que lança suas raízes nos séc. XIII e XIV, seu auge nos séc. XV e XVIII. Caracteriza-se pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, dos quais tenta imitar as formas literárias e assimilar os valores humanos. Há o humanismo de caráter especulativo-filosófico. Em sentido estrito, o humanismo filosófico é qualquer doutrina que em seu conjunto dignifica o homem. E aqui é que os humanistas divergem. Há, o humanismo antigo, grego e romano, que exaltava do homem sobretudo os valores de beleza, força, virtude, etc. Há o humanismo cristão, que realça sobretudo os valores do homem como pessoa, isto é, como princípio autônomo e individual de consciência e responsabilidade, aberto à plenitude do ser e ultimamente orientado para Deus. Há o humanismo moderno de Descartes, que faz da subjetividade do homem o ponto de partida, o centro de perspectiva e construção de toda a realidade. E há finalmente os humanistas contemporâneos, cada qual com sua concepção e suas reivindicações para o homem. Acharnos muito importante acrescentar uma terceira forma: o humanismo de caráter ético-sociológico, isto é, o humanismo que visa tornar-se realidade, costume e convivência social.* NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 15-16.

egoísta e burguesa. Acusaram-no de incitar o homem ao quietismo em um mundo absurdo, totalmente desprovido de sentido, de acentuar o lado sórdido da existência humana e libertar o homem de quaisquer condicionamentos morais pela eliminação de Deus que é a fonte de todos os valores. *Tais são as várias acusações a que procuro hoje responder e a razão que me levou a intitular esta pequena exposição de: O Existencialismo é um Humanismo*<sup>75</sup>. Para enriquecer a compreensão filosófica de Sartre analisamos a visão humanística, presente nas obras *O existencialismo é um Humanismo* e *O Testamento de Sartre*<sup>76</sup>.

O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos, entre os quais colocamos Karl Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica. Por outro, temos os ateus, entre os quais, Heidegger. Além desses, há os existencialistas franceses em que Sartre se inclui.

Para Sartre, o existencialismo que ele representa é o mais coerente.

*Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O*

---

<sup>74</sup> Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905. Com a morte do seu pai, em 1907, Sartre e sua mãe vão viver com os avós maternos na cidade de Meudon. Em 1933, Sartre consegue uma bolsa de estudos pelo Instituto Francês e vai para Berlim. Nessa época, além de entrar em contato com as idéias dos filósofos Husserl, Heidegger e Scheler, fenomenólogos que influenciarão suas obras, Sartre assiste a tomada de poder pelos nazistas, fato que também marcará fortemente sua produção intelectual. *A Imaginação*, primeiro livro do autor, foi publicado em 1936. Depois, em 1938, veio *A Náusea*, livro que já apresenta indícios dos princípios da filosofia existencialista. No ano seguinte, é convocado para o serviço militar e acaba sendo preso pelos alemães. Quando é solto em 1941, volta para Paris e participa da resistência francesa. No ano de 1945, com o fim da Segunda Guerra, Sartre abandona seu trabalho de educador e aprofunda seus escritos sobre o existencialismo, juntamente com Simone de Beauvoir, célebre escritora com a qual permanecerá sentimentalmente ligado por toda a vida. Em 1964, é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas resolve não aceitar. Declara Sartre: *Tudo isso é o mundo do dinheiro, e as relações com o dinheiro são sempre falsas. Eu recusei vinte e seis milhões e me condenam (...)* BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*. v. 1, Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 68. (Série Oitenta Especial).

<sup>75</sup> SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987. p. 3. Coleção Os Pensadores

<sup>76</sup> A última manifestação pública de Jean-Paul Sartre, em entrevista exclusiva concedida a Benny Lévy em fevereiro de 1980, publicado pelo *Le Nouvel Observateur*. De uma edição brasileira do texto publicado.

*homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade de que nos acusam.*<sup>77</sup>

Sartre não pode ser concebido como um filósofo ligado a um subjetivismo sem compromisso, ou seja, um subjetivismo pejorativo que em nome de uma pseudo-liberdade esconde a verdadeira essência do homem. A subjetividade sartreana é o comprometimento com a possibilidade de o homem conceber-se a si mesmo, ou enquanto sujeito concreto capaz de construir sua história.

## **2.2 Liberdade e Compromisso**

O filósofo recusa a concepção tradicional, segundo a qual o homem possuiria uma essência dada *a priori*. Isto implica na aceitação de que o ser humano, primeiramente, surge na sua radical espontaneidade e depois se define. Faz-se aquilo que vem a ser. O primado da existência significa precisamente esse ato de projetar-se, de lançar-se à frente de si mesmo, de fazer-se e de assumir-se no mundo. Essa prioridade da existência sobre a essência tem sua explicação na ontologia fenomenológica de Sartre. Evidentemente, se as essências são a racionalidade imanente do ser, enquanto sentido *a priori* que o dinamismo do espírito atribui ao mundo fenomênico, elas só existem na e para a consciência, o *pour soi*. Sendo assim, a essência humana para anteceder à sua existência, necessitaria de um ser absoluto que a pensasse. Por isso, Sartre afirma não existir natureza humana visto não existir Deus para concebê-la.

---

<sup>77</sup> SARTRE, Jean Paul. *EH*. p. 5-6.

Para Sartre, o homem é livre para escolher a pessoa que ele quiser ser. É livre para escolher os meios que considera mais adequados para realizar-se como pessoa. Para além desses dois patamares de liberdade, existe um terceiro patamar que é a liberdade de poder trocar o projeto originário e ser de outro modo. Já que nada é definido, o homem pode esboçar para si uma outra pessoa, diferente daquela que até esse momento vinha construindo.

Ter consciência de poder trocar o seu projeto originário é, para Sartre, o grau mais elevado de consciência de liberdade que o homem pode alcançar. Porém, esse patamar só é atingido pela reflexão, e são poucos os homens que o atingem, pois a ampla maioria da humanidade permanece numa reflexão cúmplice, ou seja, é absorvida pela realização dos fins imediatos. Além disso, a consciência da liberdade nesse terceiro patamar é acompanhada pelo sentimento de angústia, sentimento do qual a maioria foge. Podemos nos perguntar: como Sartre traduz o conceito de angústia?

E nas palavras do próprio Sartre, angústia tem o seguinte significado:

*O homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade.<sup>78</sup>*

Segundo Perdigão, Sartre afirma sermos livres, e, por isso, angustiados. Assim, para mascarar esta angústia, precisamos disfarçar a liberdade que somos, e, nesse sentido, usamos diariamente diversos expedientes e truques. Mentimos a nós mesmos para confiar que não somos livres ou responsáveis por nossas atitudes.

Na entrevista concedida a Benny Lévy encontramos:

---

<sup>78</sup> Ibidem, p. 7

*Sim, falava em desespero, mas, como lhe disse várias vezes, não era o contrário da esperança. O desespero era a crença de que meus objetivos fundamentais não podiam ser atingidos e que, em conseqüência, havia na realidade humana um revés essencial. E, finalmente, na época de O Ser e o Nada eu só via no desespero uma imagem lúcida do que era a condição humana.(...) Nunca me senti desesperado, nunca encarei, de perto ou de longe, o desespero como uma qualidade que podia me pertencer. Em conseqüência, era de fato Kierkegaard quem me influenciava muito nesse sentido<sup>79</sup>.*

Sartre entende que o homem tem um compromisso com a humanidade. Ao escolher um projeto de vida, ele é, absolutamente, responsável pelo sustento desse projeto. Ele precisa sustentar, por meio do seu agir, os valores que compõem a moralidade servindo de parâmetro para a existência de toda a humanidade. Ao escolher um determinado tipo de homem, estamos escolhendo, não só o tipo que nos serve, mas que deve servir de modelo para a humanidade toda.

O homem, conforme o existencialismo, pensado por Sartre, é responsável não só por si, mas é responsável por todos. O fato de nos sentirmos responsáveis por nós, pelos outros, e, enfim, por toda a humanidade lança-nos na angústia. Enquanto Heidegger situa a angústia diante da morte, Sartre a situa no contexto da decisão, isto é, da liberdade, que atinge a moralidade. *Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é*

---

<sup>79</sup> Cf. BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*. p. 19. Nesta obra observamos um paradoxo em Sartre. Comenta Gilles Lapouge: *Em 1936, Sartre é um homem muito jovem e muito bem dotado. Sua vida se abre à sua frente qual imensa campina repleta de promessas, e que escreve ele? Um romance intitulado A Náusea, uma espécie de diário de bordo da angústia e da irremediável solidão, um livro negro, áspero, muito belo mas nenhuma luz. Na outra extremidade de sua vida, as entrevistas que ele concede a um de seus jovens amigos de 68, no **Nouvel Observateur** de março de 1980, são as de homem à beira da morte, um ser fisicamente esgotado (...) Uma categoria até então ausente de sua obra começa repentinamente a luzir: a da esperança. De modo análogo, se a Náusea nos rejeitava a uma irremediável solidão, no crepúsculo de sua vida, ao contrário, é unicamente à fraternidade, à generosidade e à partilha, que Sartre se refere. Enquanto A Náusea ridicularizava o conceito de humanismo, culpado, segundo ele, de toda a hipocrisia da burguesia, é ao contrário um formidável canto ao Homem – se não ao humanismo – que ele entoava.* ( Cf. BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*, p. 12-13).



*apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens*<sup>80</sup>. Esta é a verdadeira experiência da solidariedade, nos parâmetros sartrianos.

O entrevistador Benny Lévy<sup>81</sup> perguntou a Sartre sobre a esperança e a desesperança.

Estas foram suas palavras:

*Sempre pensei que cada um vive com esperança, ou seja, acredita que alguma coisa que tentou, ou que se refere a ele, ou que se refere ao grupo social ao qual pertence está para se realizar e de forma favorável tanto a ele como às pessoas da sua comunidade. Acho que a esperança faz parte do homem; a ação humana é transcendente, quer dizer, visa sempre um objeto futuro a partir do presente onde a concebemos e onde tentamos realizá-la. A ação humana coloca seu fim, sua realização no futuro. Há esperança na maneira de agir, ou seja, o próprio fato de apresentar um fim como tendo de ser realizado*<sup>82</sup>.

O homem nunca pode sentir-se sem esperança, pois há sempre o amanhã. A esperança é um sentimento intrínseco ao homem. Sempre haverá esperança, por mais complexos e difíceis que sejam os obstáculos a superar. O compromisso que o homem tem para com a humanidade decorre da concepção que Sartre tem da intersubjetividade, pois nossa liberdade pessoal também é limitada ou influenciada pela liberdade do outro.

No entanto, reconhecer a liberdade como a verdade da realidade humana significa que, moralmente, estamos comprometidos a fazê-la existir no mundo em que vivemos. Reconhecer que os outros não são objetos, mas são, como nós, sujeitos que possuem consciência de liberdade é saber entender a condição humana. A liberdade é a verdade fundamental da existência humana, e devemos saber que a nossa liberdade não pode quebrar ou negar a liberdade do outro.

---

<sup>80</sup> SARTRE, Jean Paul. *O EH*, p. 6.

<sup>81</sup> Estamos em fins de fevereiro, início de março de 1980, bem próximos, portanto, do dia da morte de Sartre. Seu entrevistador é Benny, Lévy (que foi um dos mais íntimos colaboradores de Sartre, trabalhando como seu secretário durante os anos de cegueira).

<sup>82</sup> Cf. BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*. p. 18.

*Queremos a liberdade pela liberdade e através de cada circunstância particular. E ao quisermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente dos outros e que a liberdade dos outros depende da nossa. Sem dúvida a liberdade como definição do homem não depende de outrem, mas uma vez que existe a ligação de um compromisso sou obrigado a querer ao mesmo tempo a minha liberdade e a liberdade dos outros; só posso tomar a minha liberdade como um fim, se tomo igualmente a dos outros como um fim. Por conseqüência, quando num plano de autenticidade total, reconheci que homem é um ser no qual a essência é precedida pela existência, que é um ser livre, que não pode em qualquer circunstâncias senão querer a sua liberdade, reconheci ao mesmo tempo que não posso querer senão a liberdade dos outros*<sup>83</sup>.

Nessas palavras, Sartre coloca-nos uma obrigação: temos um dever para com a promoção da liberdade, não só nossa, mas também a de todos os outros. Parece nascer aqui o que se pode denominar de solidariedade humana. Para ele, a solidariedade humana é uma realidade, um fato. Dessa maneira, o indivíduo não pode ser visto de forma isolada. Ele está comprometido com a vida coletiva, mesmo que não queira. *Construo o universal, escolhendo-me; construo-o entendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja.*<sup>84</sup> A solidariedade preserva a diferença de cada um. Por isso, cada sujeito realiza seu projeto de liberdade de forma peculiar<sup>85</sup>.

Na obra, *O testamento de Sartre*, lê-se:

*(...) a relação entre o homem e o seu vizinho em uma sociedade em que eles são irmãos, é antes de mais nada uma relação afetiva, prática: seria preciso reencontrar isso. Porque, originalmente, a sensibilidade é praticamente comum. (...) Acho que o que não é mitologia, que é real, é a relação entre eu e tu, e entre tu e eu. A relação do homem com seu próximo; chamamos a isso fraternidade porque eles se sentem como tendo a mesma origem. Têm a mesma origem e, no futuro, um fim comum. Origem e fim comuns, é isso que constitui sua fraternidade*<sup>86</sup>.

<sup>83</sup> SARTRE, Jean Paul. *O EH*. p. 19.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>85</sup> Para Simone de Beauvoir, o homem não está só no mundo, pois seria paralisado pela visão manifesta da vaidade, de todas as suas finalidades; provavelmente, ele não poderia suportar viver. A existência de nossa liberdade necessita da liberdade do outro. Não só como condição de possibilidade de exercício, mas também, como uma conchamação a sermos livres, num mundo que busca nos aprisionar. BEAUVOIR, Simone. *Pyrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard, 1965. p. 302.

<sup>86</sup> Cf. BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*. p. 17.

Para Sartre, o projeto humano traz a marca essencial da liberdade, pois o homem se faz escolhendo a sua moral. Como, porém, esta escolha define um tipo de projeto que é válido para todos os homens e épocas, eu devo agir segundo o axioma da moral kantiana, que eleva os meus atos à condição de paradigma de ação para toda a humanidade. *O que é necessário para uma moral, é entender a idéia de fraternidade até o nível em que ela se torna relação única e evidente entre todos os homens; essa relação sendo em primeiro lugar uma relação de grupo, mais exatamente de pequenos grupos ligados de uma maneira ou de outra a uma idéia de família.*<sup>87</sup> Sartre sempre teve presente a idéia de moral, pois sabia que sem ela seria difícil criar condições de sociabilidade condizentes com a vida humana. As relações humanas devem se regular pelo espírito de família que serve como um modelo a ser seguido ou almejado.

A liberdade moral de escolha rejeita qualquer idéia de determinismo, pois não existe uma natureza interior determinante no homem, nem valores fora dele para preestabelecer rumos necessários à ação. Assim, ninguém nasce covarde ou herói, diz Sartre. *O que as pessoas querem é que nasçamos covardes ou heróis*<sup>88</sup>, mas cada um se faz conforme sua livre opção, tornando-se responsável pelo que é. Esta liberdade e responsabilidade moral da opção caracteriza o que Sartre chama de dureza otimista, a qual repugna aos que se refugiam na má fé de um pseudo-determinismo, dissimulando a autenticidade do livre compromisso.

*Podemos julgar um homem dizendo que ele tem má fé. Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má fé.*<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>88</sup> SARTRE, Jean Paul. *EH*. p. 14.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 19.

Sartre, neste sentido, propõe-nos uma ética que não repousa sobre um mundo de valores preestabelecidos, porque luta contra o regime totalitário e quer uma sociedade politizada<sup>90</sup>. Instituindo a liberdade como valor absoluto, ele coloca o homem perante uma alternativa moral: ou assume a liberdade e se realiza na angústia, sua condição de ser responsável, ou nega a liberdade e procura refúgio na má-fé.

*Se Deus não existisse, tudo seria permitido. Eis o ponto de partida do existencialista. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. (...) É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz.*<sup>91</sup>

À medida que o homem se defronta com os obstáculos, ele não pode fugir de seus grandes desafios. A vida humana não está pré-determinada por alguma força ou entidade que a predestina, mas ela vai sendo tecida em cada escolha, em cada decisão que tomamos com seus acertos e erros.

Assim, os valores precisam ser constantemente inventados pelo homem que é absolutamente livre. E o homem livre escolhe o seu ser. O existencialismo de Sartre é ateu, por isso o homem não procurará garantias de sua existência fora de si mesmo. Há de buscar razões aos seus próprios olhos e não aos olhos de um Deus. *Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, (...)*<sup>92</sup>. E ao escolher uma determinada possibilidade de ser, o homem se dá conta da sua condição.

---

<sup>90</sup> No dizer de Sartre: “é preciso agrupar as pessoas, é preciso ajuda-las fornecendo-lhes explicações e argumentos que elas não encontrarão sempre sós. É necessário dar a essas pessoas a sensação de que a ação é possível. Fazê-las compreender que elas podem lutar no seu nível, na sua cidade, contra a elevação abusiva dos preços, contra a intoxicação pela propaganda oficial, etc..” cf. *O Testamento de Sartre*. p. 68.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 6.

*(...) Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem<sup>93</sup>. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada mais é do que esse sentido escolhido<sup>94</sup>. Pode constatar-se que é possível criar uma comunidade humana<sup>95</sup>.*

Para Sartre, os valores encontram o seu único fundamento na liberdade. Fica, porém, a interrogação. Uma vez que a liberdade é a fonte de todo valor, ela não poderia dar um fim ao reino dos valores? Qual é mesmo a relação entre liberdade e valores? Para responder a tal questão, usamos as palavras do próprio Sartre:

*Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa, a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores<sup>96</sup>.*

Em outras palavras, significa que o fim último do homem é a liberdade. A liberdade é, dessa forma, o valor máximo e único, fundamentando todos os demais valores. Embora Sartre afirme ser a liberdade total e infinita, ele não deixa de reconhecer os limites externos a respeito do nascimento e da morte. Além disso, compete ao homem, como ser consciente, tomar uma atitude diante do mundo dos objetos.

---

<sup>93</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>94</sup> Á propósito, vale destacar o comentário de Perdigão, “o indivíduo sempre traça a imagem do que um homem deve ser, segundo os seus juízos e valores – mesmo que não faça a menor reflexão sobre isso e mantenha, digamos, uma total indiferença para com os outros. Seja o militante comunista que luta para libertar o proletariado, seja o capitalista que explora os seus empregados, não importa a vida que se leve, sempre um indivíduo, ao escolher-se, escolhe o universal, implica nos seus atos toda a humanidade, decide sobre aquilo que, a seu ver, contém ao homem. Age, em suma, como se fosse o legislador universal. Daí porque cada um deve se preocupar com seus valores: afinal, que aconteceria se, de fato, todos os homens os adotassem? Nossa responsabilidade individual envolve toda a humanidade. É uma angústia moral: que valores devemos eleger, que humanidade. Estabelecer no mundo? Somos livres. Resta-nos descobrir o que devemos fazer com essa assombrosa liberdade”. PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade. Uma Introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 115. Aqui percebemos a envergadura dos problemas éticos e sociais suscitados por tal compreensão da liberdade humana.

<sup>95</sup> SARTRE, Jean Paul. *EH*, p. 21.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 19.

### 2.3 Humanismo e Existencialismo

Sartre distingue duas espécies de humanismo em sua obra. A primeira toma o homem como fim e valor superior. Sartre rejeita esse humanismo, porque, segundo ele, o homem nunca é fim, está sempre por fazer-se. A segunda vê o homem, constantemente, projetando-se para fora de si mesmo, construindo-se, realizando-se no mundo. Este é o humanismo existencialista, caracterizado por este tipo de transcendência e subjetividade.

Observamos que Sartre, na distinção que faz dos dois humanismos, usa outro sentido para a palavra fim. *Fim* pode ser entendido de duas maneiras: como término, ponto final e como escopo, objetivo visado. É claro que é neste segundo sentido que se toma o homem como fim. E, nesta compreensão, o humanismo é perfeitamente conciliável com o segundo tipo de humanismo que Sartre reivindica para o existencialismo. Para aceitar tal humanismo, não é necessário ser ateu ou niilista, à maneira de Sartre, é só conferir a filosofia e obra literária de Sartre<sup>97</sup>. Aliás, o próprio Sartre definiu o homem como uma paixão inútil, e sua existência, como um absurdo.

Manifesta-se o acerto da conclusão de Garaudy sobre Sartre, pois a filosofia deve dar conta de dois grandes problemas, separados, mas com mútua implicação. A liberdade e o outro são os pontos principais de todo o pensamento sartriano. Apesar das dificuldades inerentes a tais questões, Sartre jamais deixou de abordá-las.

---

<sup>97</sup>. Por exemplo: O Ser e o Nada, A Náusea, As Moscas, etc.

*A filosofia de Sartre se organiza em torno de dois problemas centrais contra os quais esbarram a cada instante sua experiência e seu pensamento: o problema da liberdade e o problema do outro. Obstáculo? Ou trampolim para uma verdade mais completa, que permita apreender o homem total e resolver os problemas da vida?*<sup>98</sup>.

A liberdade, para Sartre, não é uma concessão ou algo que foi dado ao homem. É uma verdade inexorável da qual ele não pode fugir. A liberdade sempre se dá na presença do outro, vivendo no mundo com outras pessoas. A intersubjetividade humana depende de nossa concepção de liberdade.

O longo itinerário do pensamento inquieto de Sartre parece justificar a opinião de que os dois problemas, nunca foram resolvidos perfeitamente por ele. Aparecem como obstáculo e trampolim ao mesmo tempo, conduzindo-o a superar suas primeiras contradições numa visão da história e da humanidade mais realista e construtiva.

Quando lemos a conferência de Sartre *O Existencialismo é um Humanismo*, ficamos admirados em constatar nenhuma menção a Nietzsche<sup>99</sup>, uma vez que Nietzsche é tomado como aquele que primeiro pregou a morte de Deus e conduziu o ateísmo às últimas

---

<sup>98</sup> GARAUDY, R. *Perspectivas do Homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.p. 59.

<sup>99</sup> *Estupenda, inesperada, misteriosa a página de Gaia Ciência citada por todas as antologias, em que Nietzsche imagina que um louco, uma certa manhã, acende seu lampião e dirige-se para o mercado, apostrofando a multidão: Para onde foi Deus? – perguntava. – Agora vou-lhes contar: Nós o matamos, vocês e eu! Somos os assassinos de Deus! E como foi que fizemos isso? Como podemos beber todo esse mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? O que fizemos quando separamos o nosso planeta de seu sol? Será que ele ainda se move? Será que nós nos movemos? Como podemos fazê-lo, longe do sol? Andamos para todos os lados, sem cessar? Para trás, para o lado, para a frente, em todas as direções? Ainda existe o que está acima de nós e o que está abaixo? Não estaremos perdidos dentro do vazio infinito que faz a sua respiração chegar até nós? Por acaso não está mais frio agora? Não são as noites cada vez mais escuras? Não temos agora necessidade de acender de manhã nossos lampiões? Por acaso ouvimos o barulho que os coveiros fazem ao sepultar Deus? Não estamos sentindo o cheiro da sua divina putrefação? Até mesmo os deuses apodrecem! Deus morreu! Deus está morto! Fomos nós que o matamos! Assassinos mortais que somos, como nos poderemos consolar? Com a nossa faca ferimos o que houve de mais sagrado e poderoso no mundo. Quem nos limpará desse sangue? Em que água nos lavaremos? Que purificação, que brincadeiras sagradas teremos que inventar? Cf. Pedro Dalle Nogare, . *Humanismos e Anti-humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 155-156).*

conseqüências práticas. Porém, em Sartre não aparece o individualismo irracionalista presente na obra de Nietzsche.

Como vimos, o humanismo de Sartre parte de um pressuposto: Deus não existe. Sartre declara repetidamente que o existencialismo que ele representa não é senão um meio de não situar as conseqüências em uma posição atéia coerente. E critica os ateus que ficaram no meio do caminho, temerosos de levar até o fim o empreendimento do ateísmo.

A liberdade em Sartre é necessária, gratuita. Necessária, porque podemos escolher tudo, salvo o não-escolhido. Com efeito, *Somos condenados a ser livres*. Gratuita, porque não se dirige a valores preexistentes, mas cria os valores escolhendo-os. O existencialismo de Sartre traduz, na angústia e no desespero, a crua dramaticidade de uma civilização em crise, que perdeu o sentido da transcendência e se abismou, conseqüentemente, na absurda gratuidade de sua própria finitude.

Fiel às suas raízes kierkegaardianas, a filosofia existencial de Sartre expressa a revolta anti-intelectualista do pensamento pós-moderno<sup>100</sup> contra aquela visão romântica e otimista do mundo com que a euforia racionalista do Renascimento plasmou o perfil ideológico da cultura ocidental.

---

<sup>100</sup> Para melhor traduzirmos o conceito de moderno ou pós-moderno recorremos ao autor Philippe Vanden Bosch que comenta: *A distinção entre moderno e pós-moderno foi operada por um intelectual contemporâneo, Jean-François Lyotard, em sua obra La condition postmoderne (Éditions de Minuit, 1979). Moderno não é sinônimo de contemporâneo, mas opõe-se a tradicional. É moderno quem pensa que a verdade, o bem e a sabedoria não residem nas tradições, nas idéias e nos costumes de nossos antepassados, mas no que nossa mente pode descobrir. Portanto, o moderno rejeita as tradições em nome da razão, da inovação e do progresso. Desde o Renascimento, nossa civilização é resolutamente moderna. Mas nossa época, que duvida do progresso e até da capacidade para encontrar o verdadeiro e o bem, é daí em diante pós-moderna. Ela duvida dos grandes relatos de legitimação do verdadeiro e do bem, como o diz J. – F. Lyotard. Cf. BOSCH, Philippe Van Den. A Filosofia e a Felicidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.18.*



Assim, como o filósofo dinamarquês, Sartre vive o drama de sua finitude e do nada que permeia a sua contingência. Falta-lhe, porém, o sentimento daquela fé abraâmica que, em Kierkegaard, é ponte lançada sobre o abismo da existência, ligando o finito ao infinito, a subjetividade à Transcendência. Daí porque a angústia em Kierkegaard é o caminho que eleva o homem a Deus. Em Sartre, é sentimento de abandono e solidão, em um mundo onde o homem assume a inteira responsabilidade de projetar e criar a sua própria essência, sem valores *a priori* que fundamentem a decisão.

Paradoxalmente, o humanismo ateu de Sartre e sua própria ontologia estão centrados na idéia de Deus. Ou seja, estão embasadas não no seu Ser, mas no seu não-ser. O nada-de-Deus é, assim, um postulado básico, apriorístico, necessário, universal, que fundamenta a absurdidade do ser, da existência, das essências, do homem, dos valores, do absoluto.

Para sair desse dilema de absurda moral de ação *ex-nihilo*, porque sem motivações *a priori*, Sartre formula, com inegável habilidade, a sua doutrina da liberdade. O homem é absolutamente livre porque sua ação se desenvolve sem condicionamentos externos nem internos. Tratando-se de uma liberdade sem *antes* (motivação) nem *depois* (finalidade), ela passa a ser um fim supremo em si, pois justifica a ação pela ação. Assim, ele pensa ter respondido à crítica de pessimista, que lhe fizeram, declarando que *não existe doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em suas próprias mãos*.<sup>101</sup>

O humanismo cristão e sua metafísica não souberam dar respostas à altura dos desafios da civilização, restringindo o campo de possibilidades do agir e impondo uma ética

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 15.

autoritária, muito centralizadora que camuflava grandes contradições e injustiças da sociedade.

Diante disso, podemos dizer que o mundo se tornará mais humano, na medida em que o homem for se compreendendo e se assumindo como ser livre e, ao mesmo tempo, como responsável pela história que vai construindo. Neste prisma, ressaltamos a importância do pensamento sartreano, pondo a filosofia, como consciência, como reflexão pelo indivíduo, pela politização do mundo, como natureza e história.

Segundo Bornheim talvez o elogio mais completo que se possa fazer a um pensador como Sartre consista em dizer que ele soube, como nenhum outro, assumir e levar às suas consequências mais extremas as condições do homem de nosso tempo<sup>102</sup>. Oxalá pudéssemos caminhar ainda mais no pensamento de Sartre. É tão humano progredir no caminho do conhecimento da verdade e tão sábio conservar-se aberto e disponível às novas iluminações<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> Cf. O prefácio de: PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade. Uma Introdução à Filosofia*. Porto Alegre: L&PM, 1995. p.9

<sup>103</sup> *Em 1960, o Brasil mergulhou no que a imprensa classificou de um verdadeira histeria – tudo por causa da visita do filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), nome de pro do existencialismo, a corrente filosófica da moda no pós-guerra. Por onde passava, o visitante provocava frenesi. (...) Sartre já andava com o prestígio reduzido quando veio ao Brasil. O motivo foi a sua insistência em defender, até o último momento, o comunismo soviético – quando já estava mais do que óbvio que o regime bolchevique era um logro ideológico e uma violência contra os direitos humanos mais básicos. (...) O legado de Sartre vem sendo discutido em razão do centenário de seu nascimento e dos 25 anos de sua morte. Cf. Rinaldo Gama. Revista VEJA, 14 de setembro de 2005, p.124, art. O QUE SOBROU DE SARTRE? Muito pouco. Superado como pensador e enterrado como ideólogo, é na literatura que o francês sobrevive. Ao nosso ver, esta é uma visão simplista do jornalista. Porque quem consulta os livros de Sartre, logo constatará seu pouco ou nenhum apreço por esse tipo de discussão. Aqui podemos incluir, também, as obras de Camus. No dizer de João da Penha: Com efeito, ele escreveu certa feita que o escritor não deve se preocupar se sua obra irá ou não determinar um movimento literário, ou se suas idéias irão ou não determinar este ou aquele ismo. Não cabe ao escritor, diz, debruçar-se o futuro de sua obra, quanto ao destino que a aguarda mais adiante. Era-lhe despropositado, no plano das idéias e da criação artística, o homem agarrar-se a um futuro longínquo, quando, recomendava, o importante é querer diariamente o futuro imediato. (...) Os livros, como o amor, a carreira que se escolhe, os projetos revolucionários, e tantos outros empreendimentos humanos, comum, nem mesmo o escritor ( e, por extensão, os filósofos, pensadores e artistas) deve aceitar arriscar-se, perder-se. Cf. PENHA, João da. Atualidade e Permanência. Revista CULT, no: 91, p. 44-48, Abril/2005.*

A atualidade e a permanência do pensamento de Sartre, ao nosso ver, se explica justamente pela própria necessidade de nossa época em refletir sobre si mesmo. A obra de Sartre, tanto filosófica como literária, revela uma concepção dinâmica de liberdade que contrasta com a atitude de tantos indivíduos que, facilmente, abdicam a liberdade esquecendo a responsabilidade social.

## 2.4 Absurdo e Engajamento

Apesar de Camus e Sartre terem sido contemporâneos e identificados com a cultura e a tradição francesas, suas obras apresentam alguns pontos de assimetria. Essa constatação não é tão simples, porque o existencialismo e seus principais aspectos doutrinários, impregnaram profundamente a obra de ambos.

Conforme R. Jolivet, a obra de Albert Camus,

*(...) seguindo em parte a mesma direção que a de Sartre, teve talvez maior divulgação entre o público comum. Todavia, por falta de uma estrutura doutrinária que sobrepujasse as possibilidades de Camus, está longe de haver exercido uma ação tão profunda quanto a obra sartreana. Além disso, Camus era por excelência um homem inquieto, opondo-se a Sartre por seu próprio temperamento: fornecia aos leitores suas dúvidas e perplexidades, sem ir quase nunca além. Sartre, pelo contrário, inquietava em nome de uma certeza, mais ou menos como Descartes, que só nos leva a duvidar radicalmente para fazer-nos atingir a paz da evidência e o porto seguro da sabedoria*<sup>104</sup>.

Observamos um outro aspecto que separa os dois grandes filósofos: é seu posicionamento em relação ao homem. Para Sartre, os homens torturam-se entre si. A relação

---

<sup>104</sup> JOLIVET, Régis. *Sartre ou a Teologia do Absurdo*. São Paulo: Editora Herder, 1968. p. 8-9.

positiva, para Sartre, encobre uma atitude de possessão ou de coisificação do outro. Em Camus, o ato da revolta descobre a própria solidariedade humana.

Camus não deve, nesse sentido, ser confundido com os existencialistas, ou considerado um deles. Para estes, e de uma forma geral, falta ao homem a essência, daí a necessidade de um tipo de ação que tenda à realização de uma existência que, no começo, apenas existe como mera possibilidade. O mesmo se passa no plano da moralidade: o existencialista analisa a situação pessoal de um homem face ao seu destino. Descreve o drama, cuja única personagem é ele próprio, face à possibilidade de escolha entre o estado de coisa ou levar a cabo uma vida plena de iniciativas responsáveis.

Para Camus, o outro assume papéis decisivos. O outro é, por um lado, o agente da opressão e da degradação, e, por outro lado, a revolta só se justifica quando o indivíduo se transcende nos outros indivíduos. O revoltado não escolhe, à maneira do existencialista, entre projetos ou entre a autenticidade e a inautenticidade. Trata-se, desde logo, de ser ou não ser, do tudo ou nada e da fidelidade ao que se descobriu, daí que seja necessário estabelecer diferenças entre a revolta e a revolução.

O revolucionário não parte do ser que a própria revolta descobriu, revelou, ou de uma idéia abstrata; não parte da própria experiência humana, mas de um projeto despótico e totalitário afastando-se do presente imediato, da realidade de onde partiu, remetendo a felicidade para um futuro utópico. O revoltado, pelo contrário, pretende ajustar a sua conduta à origem de onde partiu. O homem aparece sempre como um ser dividido; se a revolta mostra que o homem é, no geral, injusto com os seus semelhantes, ela revela igualmente que nele há

algo que aspira à unidade de todos, que exige que se leve a cabo uma solidariedade metafísica.

A revolução acaba por ser uma traição à revolta, já que nega o ser e a natureza humana; a sua reivindicação é a totalidade, ao passo que a reivindicação da revolta é a unidade.

Sartre pensa, literalmente, oposto a Camus.

No dizer de Paulo Perdigão,

*Tal como Marx, Sartre vê na revolução a supressão da sociedade presente e a sua substituição por outra, mais justa, em que os homens poderão ter relações com os outros, um corpo social que seja humano e satisfatório para os homens – ou seja, uma sociedade onde as relações entre os homens serão morais*<sup>105</sup>.

Em Camus há um posicionamento claro pelo indivíduo, ou seja, pelas características próprias do homem, bem como pelo amor terrestre, contra as abstrações e os terrores do totalitarismo.

O “existencialista” Camus não se define por um determinado campo político-ideológico. Busca sua independência para poder, com maior isenção, propor um caminho no qual o homem possa viver a liberdade. A obra *O Homem Revoltado* é dirigida para toda a humanidade, independente de partidos políticos. Seja da direita ou da esquerda, ele foi simplesmente verdadeiro. Para ser, o homem deve revoltar-se, mas a sua revolta deve respeitar o limite dos próprios homens, que ao se unirem, começam verdadeiramente a ser<sup>106</sup>.

---

<sup>105</sup> PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade. Uma Introdução à Filosofia de Sartre*. p. 273.

<sup>106</sup> CAMUS, HR, p. 37.

Sartre defende que nossa existência é um projeto permanente, pleno de possibilidades. No entanto, reconhecer a liberdade como verdade da realidade humana significa que, moralmente, devemos nos comprometer para que a liberdade tome forma no mundo em que existimos. Em todo caso, é verdade, como pretende Sartre, que cada homem inventa o seu caminho. Pois, isso é a definição de liberdade. Devo inventar-me a mim mesmo, a cada instante, sem outro guia. Afinal, a minha consciência é o nome da minha razão e da minha liberdade. Somos responsáveis por todo ato escolhido e este deve visar toda a humanidade<sup>107</sup>.

Camus, poder-se-ia afirmar, também, trilha este viés, quando afirma que o homem deve estar sempre pronto a responder pelas suas ações e a sofrer pelas suas conseqüências. Observamos que ambos, tanto Camus quanto Sartre, fazem do homem um sujeito totalmente responsável, seja por seus atos voluntários, seja por suas tendências obscuras, seus chamados instintos, de sua fantasia. *O homem é responsável por tudo o que é, porque o homem é responsável de seu Ser. O seu uno como é não exime a culpa*<sup>108</sup>.

Quando se tem consciência de que os outros não são simplesmente objetos, mas são sujeitos que possuem a faculdade de consciência e de sensibilidade, devemos respeitá-los, como se fôssemos nós próprios. O homem não tem como fugir de sua verdade fundamental que é ser livre. Nesse sentido, a nossa liberdade não pode ser um motivo para minimizar a liberdade do outro ou causa para negá-la.

---

<sup>107</sup> JOLIVET, Régis. *Sartre ou Teologia do Absurdo*. São Paulo: Editora Herder, 1968. p. 88.

<sup>108</sup> FANTONE, V., *Introducción al Existencialismo*, 5. ed., Buenos Aires: Columba, 1966, p. 39. (Colección Esquemas)

Segundo Bonfantti, revolta e revolução são os conceitos nevrálgicos na filosofia dos dois autores. Tais conceitos serão as matrizes teóricas para distinguir a práxis em cada pensador. Em Camus, a revolução é esvaziada pela burocracia dos partidos e da ideologia. A revolta emancipa e possibilita a solidariedade. Em Sartre, a revolta é um protesto na esfera do para-si, na intimidade solipsista da solidão humana. A revolução é a rede que reúne, agrega, recolhe as possibilidades do projeto de liberdade. Em suma, é a história<sup>109</sup>.

A pertinência dessa apreciação de ambos os filósofos, deu-se no século XX. Todavia, nesse instante, os problemas persistem. Continuam a barbárie e o terror. Por sua vez, a desigualdade e a pobreza agravaram-se. A globalização trouxe desenvolvimento, entretanto aprofundou as desigualdades sociais. É necessário resgatar o humanismo integral, tornar o homem, verdadeiramente, humano. E manifestar a sua grandeza original fazendo-o participar de tudo o que pode enriquecê-lo na natureza e na história.

Na medida das limitações humanas, no horizonte seqüencial das tragédias surgem as grandezas e as experiências de esperança. É possível um novo Humanismo se nos rebelarmos, se reivindicarmos e semearmos a esperança.

---

<sup>109</sup> BONFANTTI, J. Maria. *Revolta e Revolução: a práxis que separa Albert Camus e Jean-Paul Sartre*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Unisinos, São Leopoldo: 2004. p. 15. (mimeo)

### **3. O HUMANISMO POSSÍVEL NO TERCEIRO MILÊNIO**

#### **3.1 As perspectivas de um novo Humanismo**

Na história da filosofia, foram vários os tipos de humanismo. Cada um buscando dar soluções aos complexos problemas filosóficos do homem. O humanismo medieval baseava-se em Deus como princípio metafísico que assegurava uma resposta às grandes indagações que angustiavam o ser humano. O humanismo renascentista buscou no período greco-romano sua fundamentação teórica, contudo as verdadeiras dimensões do homem não foram contempladas pela reflexão. Com o advento da Revolução Industrial, o humanismo estava mais voltado para o avanço da ciência e a conquista da natureza, entretanto um novo humanismo necessitava ser pensado, alargando os horizontes de reflexão e apontando novos caminhos para o pensamento sobre o homem e sua condição.

A partir das recentes e desconcertantes atitudes de violência, entre atentados e guerras, ficamos desconfiados que ainda possa existir um humanismo nesse dilacerado mundo. A barbárie é tamanha que até se perde na memória e nos confunde. O pior ainda é que nos acostumamos, a ponto de nos limitarmos a um suspiro de impotência e de submissão.



Podemos elencar, nesses últimos 60 anos, grandes tragédias testemunhadas pela sociedade humana como o holocausto nazista, os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, as ditaduras militares na América Latina, o genocídio e o etnocídio das minorias que ainda lutam para conseguir um lugar ao sol, arrasamento do *World Trade Center*, em Nova Iorque, atentados na Espanha, no Iraque, enfim em vários países. Os exemplos são numerosos. Tais insanidades, em nome de interesses econômicos, ideológicos e fundamentalismos de várias naturezas, provocam em nós sentimentos de indignação, ficando vivo na nossa consciência tais absurdos.

Nesse cenário, parece não existir dúvidas de que estamos todos na mesma condição de vítimas da fragilidade do laço social. Dessa forma, os sofrimentos e as mazelas sociais vividos pelas minorias e pelas populações marginalizadas não nos podem ser indiferentes, e, de uma forma ou de outra, somos todos atingidos, porque vivemos num mundo globalizado. Ninguém está acima dos compromissos éticos da sociedade. Os homens independente de religião ou de classe social não podem, de nenhuma forma, permanecer alheios ao que nos aflige, comunitária e socialmente, e a política é o principal meio onde acontece a mediação entre o espaço individual e o coletivo. Porém, a participação das pessoas nas esferas públicas de decisão deve se dar de uma forma participativa. A formação das consciências deve ser privilegiada, pois só cidadãos conscientes de seus direitos e deveres podem construir uma nova história, marcada pela justiça.

No dizer de Antônio Gramsci:

*(...) acredito que viver quer dizer tomar partido. Não podem existir os apenas homens, os estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão (...). Indiferença é óbvia, é parasitismo, é covardia, não é vida. O desafio hoje é muito maior do que no tempo de Marx. Trata-se de alargar os horizontes do fazer histórico a partir de uma atitude insubordinada face aos mandados conformistas. É preciso buscar interlocutores além das estratificações ortodoxamente*

*alinhadas. Inaugura-se, assim, um ritual de participação, momento em que as idéias nascem dos sujeitos estimulados a pensarem. É a condição da vida feliz que enseja asfaltar os caminhos para a cultura da paz<sup>110</sup>*

A indiferença é um dos grandes males que se abate sobre a sociedade. As pessoas não procuram mais criar novas formas de inclusão social, alienando-se dos dramas sociais. Uma nova forma de organização da sociedade deve ser visada. O Poder político não pode ser monopólio de uma casta ou de um grupo de privilegiados. Todos devem buscar soluções comuns para os problemas sociais.

Camus, em sua obra, *A Queda*, comunga do mesmo ideal de Gramsci, fazendo um convite para que não nos omitamos em nossa tarefa de ajudar o semelhante. Dessa forma: *O corpo, a ternura, a ação, a nobreza humana insensato. O homem nele encontrará enfim o vinho do absurdo e o pão da indiferença de que a sua grandeza se alimentará.*<sup>111</sup> Camus sabia que os homens e as sociedades que se deixam pautar pela indiferença pagam um preço muito caro, pois todos, de uma forma ou de outra, sofrem com as injustiças de um tecido social gasto pelo egoísmo e ambição de certos grupos. O verdadeiro humanismo trata, com rigor teórico, os grandes problemas da sociedade e aponta para soluções.

Podemos nos perguntar, então, o humanismo morreu? Diríamos, pois, que esta preocupação humanista que sentimos pela convivência e pelo bem-estar humano não desaparece, e no momento em que se exaurir, irão desaparecer os seres humanos. Mesmo com a relativização dos direitos humanos e apesar do egoísmo crescente na sociedade neo-liberal, o interesse pelo outro não desapareceu e a preocupação com a construção de uma sociedade justa permanece. Se isso não acontecesse seria o fim de toda a humanidade, pois a civilização

---

<sup>110</sup> GRAMSCI, Antônio. Apud. CORDI, Cassiano et al. *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione 1995. p. 144.

<sup>111</sup> CAMUS, MS, p. 69

seria, rapidamente, dizimada. A aterrorizante violência urbana e os crimes ambientais são um alerta, na perspectiva de que precisamos aprender a viver com mais humanidade.

Entretanto, há lugar para a esperança neste mundo insensível e humano? Como descobrir seus caminhos? Podemos confiar na paz e nos pactos humanos? Nessa sociedade de tantas dúvidas, o filósofo tem por ofício refletir o tempo em que vive. Segundo Platão, a primeira virtude do filósofo é *admirar-se*. A admiração é a condição da qual deriva a capacidade de problematizar, o que marca a filosofia não como posse da verdade, mas como sua eterna busca. Porém, a filosofia humanista não deve limitar-se ao simples admirar. Esta deve ser apenas uma etapa na efetivação de uma sociedade marcada, profundamente, pela justiça.

A filosofia existencial é, por excelência, uma das grandes buscas teóricas que a civilização do século XX empreendeu, para compreender-se. A humanidade clama por uma razão que não exclua milhões de homens e mulheres. Cabe à filosofia dar condições para a construção de um referencial ético-reflexivo que sinalize à sociedade valores propositivos e afirmativos. O caminho da racionalidade deve ser o de seguir na construção de um espaço de vida marcado por sentimentos de justiça, que passem por uma reflexão coerente e um engajamento social.

Albert Camus e Sartre retrataram com fidelidade o lado absurdo da vida. Camus, conforme suas próprias palavras, *toma partido pelo indivíduo, pela carne no que tem de nobre, pelo amor terrestre, enfim, contra as abstrações e os terrores de Estado totalitários(...)*<sup>112</sup>. Não se isola em abstrações perdidas, mas reflete sobre os grandes

---

<sup>112</sup>CAMUS, “Actualidades I” México: Ed. Aguilar, 2ª edição, 1962. p. 442.

problemas que atingem o homem do seu tempo. O totalitarismo político não pode ser visto como uma saída para os impasses ético-legais que afligem as sociedades. As dificuldades cotidianas estão no centro das preocupações camusianas, como a fome, a peste, a dor.

Sartre, com sua defesa incontestável da liberdade humana, concebe nossa existência como um permanente projeto, pleno de possibilidades. Segundo a filósofa Cecília Pires, a humanidade evoluiu, caminhou, gradativamente, para o reconhecimento dos direitos humanos. No entanto, o desrespeito a esses direitos ainda permanece. São muitas as crueldades que ainda estão ocorrendo em nosso tempo. São muitos os homens e mulheres que sentem e sofrem a exclusão social, nas várias formas de marginalização e violência simbólica e social.

*Há graves problemas em alguns segmentos da sociedade civil, como os que ocorrem com meninas e meninos de rua, com as mulheres violentadas, com os negros discriminados, com os operários famintos, cuja escassez demanda ações eficazes e urgentes, que lhes indiquem a possibilidade de saída. A eles não interessa o êxito de tal facção ou agrupamento partidário, eclesial ou educacional. As suas urgências são originárias, entranham seu ser. Eles precisam se saber sujeitos, para que se entendam como pessoas de direito. E isso significa saber desse saber, ter consciência dos próprios direitos.<sup>113</sup>*

Os sofrimentos que atingem as pessoas nas formas mais humilhantes precisam ser, urgentemente, superados. Mas, o processo de inclusão social não se dá apenas pela vontade de uma força social superior, mas deve ser protagonizado pelos próprios marginalizados, pois a construção de uma sociedade marcada pela justiça deve partir não somente, mas sobretudo, daqueles que mais necessitam da efetivação dos direitos.

Para a interrupção dessa barbárie cotidiana, é preciso revigorar uma espécie de sabedoria ética que sustente uma *pólis* agregadora, capaz de abrigar os sujeitos e estar atenta à violação dos seus direitos, defendendo-os sempre que estes estiverem ameaçados. Urge

---

<sup>113</sup> PIRES, Cecília Maria. *Ética da Necessidade e outros desafios*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 135.

criarmos um ordenamento social e político que queira mais do que resultados imediatos, avançando para reordenamentos valorativos.

É o momento da afirmação do novo cidadão, que recusa a soberania do monarca e começa livremente a demarcar a soberania do indivíduo esclarecido. Sabemos que os cidadãos livres e informados já não podem ser governados por uma minoria opressora. Não há nada escrito sobre o futuro da humanidade. Mas um olhar sereno sobre as coisas nos diz que nossa esperança é o desenvolvimento de uma nova cultura da convivência, baseada na construção de uma nova ética alicerçada nos valores humanos, resgatando as noções básicas da cidadania. *Resgata-se, aqui, a noção de um ethos social, de uma prática cidadã, além dos consensos abstratos de discursos universalistas, alheios às realidades contextualizadas.*<sup>114</sup>

Precisamos, pois, alargar os horizontes do fazer histórico a partir de uma atitude insubordinada face aos mandados conformistas. Diríamos, um início, um ritual de participação ativa, momento em que as idéias nascem dos sujeitos estimulados a pensarem.

Esta nova cultura humana surgirá na medida em que houver participação popular. A luta pela cidadania, que inclui desde o acesso à satisfação das necessidades básicas, até a realização completa dos seres humanos, ou até para que seja possível o que Morin denomina de:

*Viver verdadeiramente. Viver melhor. Verdadeiramente e melhor, o que significa isso? Viver com compreensão, solidariedade, compaixão. Viver sem ser explorado, insultado, desprezado. A vida humana merece ser pautada por valores de justiça e igualdade. Quando um grupo impede que grande parte da sociedade viva bem e eticamente, então todos estão impedidos de viverem dentro de um humanismo que valorize o ser humano na sua totalidade.*<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>115</sup> MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. Terra – Pátria. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 113.

A humanidade almeja a paz. Não a paz dos mortos, nem aquela imposta pelo ditador, pois elimina os direitos individuais, mas uma paz onde: *o banquete poderá ser servido a todos. O desejo antropofágico poderá ser diminuído. É possível pensar nos direitos humanos como direitos da humanidade, ou seja, como direitos de todos. Aí o chamamento do filósofo*<sup>116</sup>.

O direito não pode ser uma justificação legal, para que uma pequena parte do tecido social viva com todas as riquezas. O direito necessita criar e justificar uma sociedade que seja pautada pela igualdade de oportunidades e de condições dignas de vida. Apesar das possibilidades do homem viver numa sociedade marcada pela igualdade, ele está preferindo viver isoladamente, num sistema desumano e hipócrita.

### **3.2 O compromisso ético**

A sociedade se depara com grandes desafios éticos e não há possibilidade de construção de uma sociedade mais justa, se não conseguirmos refletir, adequadamente, a fim de fornecermos respostas à altura dos desafios éticos de nosso tempo. Quando se tenta formular uma reflexão ética não se deve jamais esquecer que as razões e o porquê da ética estão na imediata determinação dos regramentos individuais e sociais.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> PIRES, Cecília Maria. *Ética da Necessidade e outros desafios*. p. 144.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 118.

O ser humano emite juízos morais situado num contexto histórico. Não há um código de moral ou preceitos éticos que não estejam situados numa determinada sociedade, enquadrada num determinado quadrante espaço-temporal. Os horizontes da ética se referem aos limites do que é ou não permitido numa específica sociedade.

A sociedade existe, sobretudo, porque os homens não só acreditam que cumprindo as normas éticas eles viverão em paz, mas, sobretudo, porque a existência humana vivida eticamente torna o homem mais humano. Não há formas de vida que possam ser aceitas, se não tiverem o homem como fundamento e ideal último da sociedade, pois o ser humano experiencia, fundamentalmente, a ética.

*A experiência ética é uma experiência humana fundamental, é a nossa condição de pessoas, que nos leva a assumir valores éticos. As questões – que devo fazer? Como devo agir? O que posso escolher? - estão inseridos no âmbito do convívio social, uma vez que não somos sujeitos programados, determinados como objetos, sem vontade ou sem liberdade.<sup>118</sup>*

O convívio social é o ambiente onde a ética é vivida e pode ser transformada. Se há um grande apelo, a fim de que se possa construir uma nova sociedade, este passa por uma grande ruptura com os modelos e estereótipos éticos que não privilegiam o ser humano, tornando-o um meio e não um fim em si mesmo.

A valorização do humano passou a ser um dos temas mais urgentes de nossa época, tão carente de um discurso ético que inclua os marginalizados, como principalmente, de práticas includentes, através de políticas afirmativas, tanto públicas como privadas de promoção da cidadania.

---

<sup>118</sup> Ibidem. p. 118.

O relativismo ético se apresenta como um dos grandes obstáculos à superação desse estado de falência ético-moral a que assistimos. Nada proíbe pensar que valores relativos a esta ou àquela sociedade possam se tornar, e se tornam cada vez mais relativos à humanidade em seu conjunto<sup>119</sup>. Essa permissividade teórica que não impõe limite algum e não proíbe pensar a relativização dos valores é que torna frágil toda tentativa de engendramento de um novo sistema moral.

A perplexidade de Sponville é ainda maior, porque estamos ao ponto de flexibilizar a noção de Direitos Humanos. Uma conquista muito cara para a sociedade humana do século XX e que foi conseguida sob as cinzas da 2ª Guerra Mundial.

*Não é a um processo assim, de universalização crescente, que assistimos hoje, em torno dos chamados “Direitos Humanos”? Se temos, no essencial, o mesmo corpo, o mesmo cérebro, a mesma razão, se temos cada vez mais a mesma história e a mesma civilização, como não teríamos também, cada vez mais, os mesmos valores ou os mesmos ideais? A moral pode permanecer ao mesmo tempo absolutamente particular (toda moral é humana) sem deixar de tornar-se relativamente universal ( todos os homens podem ter, de direito, a mesma moral, e nada impede que a tenham, de fato, cada vez mais.<sup>120</sup>*

Está crescendo, todavia, a consciência de que há certos valores e preceitos que não podem ser abandonados ou relativizados de modo algum. Assim, certos rituais como os praticados em certas tribos africanas que mutilam os órgãos genitais das meninas não podem ser aceito em nome de nenhum argumento. A luta pelos direitos humanos não poderá jamais ser deixada de lado e será sempre um desafio para as próximas gerações. Uma sociedade que relativiza os direitos humanos está condenada à implosão do pacto social porque nada pode

---

<sup>119</sup> CONTE-SPONVILLE, Andre & FERRY, Luc. Sabedoria dos Modernos. São Paulo: Martins Fontes, 1999 p. 37.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 37.



ser pior do que desconsiderar a primazia da vida humana diante dos instintos humanos e, sobremaneira, os mais narcísicos e ególatras.

Afinal, quais são as condições necessárias para a construção de uma ética, realmente, humana? Segundo Cecília Pires, a construção de um *ethos* requer duas condições: o auto-reconhecimento e o heterorreconhecimento<sup>121</sup>. O auto-reconhecimento acontece quando o sujeito assume seu si mesmo, ou seja, se reconhece como sujeito ético, com valores próprios e específicos que dizem respeito apenas àquela sociedade. O heterorreconhecimento valoriza cada cultura como fator fundamental porque é inserido nela que o sujeito pode emitir juízos morais e receber punições por transgressões ou louvores por atos considerados virtuosos.

A construção de uma sociedade ética não é algo simplório e singelo para o ser humano, porque não são poucos os desafios que precisam ser vencidos, a fim de que se possa ter uma sociedade ética. Para a efetivação da ética precisa-se vencer a si mesmo, porque:

*“A moral”, dizia Alain, “nunca é para o vizinho”. Isso quer dizer que ela só é legítima (é o que distingue a moral do moralismo) na primeira pessoa: para os outros, o direito – com as sanções que ela supõe – e a misericórdia bastam. Tratando-se dos homens políticos, todavia, o direito é a exigência primeira. A democracia necessita menos de misericórdia do que de rigor. Cabe a nós zelar para que nossas leis possam sancionar também, é o mínimo, os que têm a tarefa de votá-las ou de fazer com que sejam aplicadas<sup>122</sup>.*

A moral não é um código ou certos preceitos que os outros devem seguir, a fim de que se tenha uma sociedade marcada pela justiça. O propósito de toda moral é que a pessoa mesma siga os preceitos ou as normas, pois a consciência interior deve apontar se os seus atos

---

<sup>121</sup> PIRES, Cecília Maria. *Ética da Necessidade e outros desafios*. p. 35.

<sup>122</sup> CONTE-SPONVILLE, Andre & FERRY, Luc. *Sabedoria dos Modernos*. p. 453.

estão corretos. Contudo, a moral não é o único sustentáculo de uma sociedade, o direito tem a força e o propósito de fazer com que todos sigam as leis pactuadas pela sociedade.

Norberto Bobbio se opõe a essa tentativa de relativização dos direitos humanos. Para ele, há uma humanidade comum que ultrapassa todas as diferenças de tempo e de lugar: começando no cristianismo, passando pelas doutrinas do direito natural, para chegar à moral kantiana que é, na sua máxima fundamental “*respeite o homem como pessoa*”, – um cristianismo racionalizado<sup>123</sup>.

Para que o homem possa ter uma atitude própria de humano não é necessário imaginar argumentos filosóficos. Para nos convenceremos da substancial unidade da espécie humana, basta olhar o rosto de uma criança. Esta é o ser humano mais próximo da natureza, ainda não modelado e corrompido pelos costumes do povo em que está destinado a viver, não percebemos nenhuma diferença, senão nos traços somáticos, entre italianos e outros povos.<sup>124</sup>

As diferenças culturais não podem separar as pessoas, porque os seres humanos têm mais semelhanças e comungam os mesmos dramas. Quando se relativiza os preceitos éticos, como os Direitos Humanos, abre-se caminho para toda forma de arbitrariedades à revelia da lei e mazelas que minimizam a dignidade humana.

Luc Ferry afirma que vivemos, seguramente, um consenso, em torno dos direitos humanos e, mesmo quando denunciemos as desigualdades que subsistem ou às vezes aumentam, nós o fazemos em nome de um acordo de princípio sobre a igualdade, o respeito ao outro<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> BOBBIO, Norberto. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 131

<sup>124</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>125</sup> Cf. CONTE-SPONVILLE, Andre & FERRY, Luc. *Sabedoria dos Modernos*. p. 453

As políticas de valorização do humano têm um preço político, às vezes, alto. Porque a classe política, a fim de se manter no poder investe ou prioriza obras que não são as de maior alcance social ou não têm prioridade sobre as necessidades básicas. Superar esse maquiavelismo que encastela o homem na busca pelo poder é um passo importante para a efetivação de gastos sociais que incluam as pessoas dentro da sociedade organizada.

### **3.3 Camus e Sartre: os desafios humanistas**

Uma das grandes ameaças à humanização do humano em nosso tempo é o pré-conceito. Este, é uma opinião ou um conjunto de opiniões, que às vezes, constitui-se até mesmo como doutrina completa, que é acolhida sem crítica e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: “acriticamente” e “passivamente”, na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional, vale dizer, a qualquer refutação feita com base em argumentos racionais.

Por isso, diz-se, corretamente, que o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto das crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio<sup>126</sup>. Os preconceitos são uma das maiores formas dissimuladas de exclusão social. É uma forma vil de menosprezar o semelhante. Ele se fundamenta numa pretensa superioridade social, étnica ou religiosa que nasce dos instintos mais egoístas e

---

<sup>126</sup> Cf. BOBBIO, Norberto. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. p. 105.

mesquinhos que estão no ser humano. Deve ser punido, veementemente, pela legislação dos países.

São muitas as formas de preconceito. Podemos distinguir entre preconceitos individuais e preconceitos coletivos. Neste momento, não estamos, particularmente, interessados nos preconceitos individuais, tais como: as superstições, as crenças no azar, na maldição, etc. Não nos interessa porque são crenças mais ou menos inócuas, que não têm a periculosidade social dos preconceitos coletivos.

Segundo Norberto Bobbio, os preconceitos coletivos são:

*Aqueles que são compartilhados por um grupo social inteiro e estão dirigidos a outro grupo social. A periculosidade dos preconceitos coletivos depende do fato de que muitos conflitos entre grupos, que podem até mesmo degenerar na violência, derivam do modo distorcido com que um grupo social julga o outro, gerando incompreensão rivalidade, inimizade, desprezo e ou escárnio”.*<sup>127</sup>

Os preconceitos de grupo são inumeráveis, mas os dois historicamente mais relevantes e influentes são o preconceito nacional e o preconceito de classe. Os grandes conflitos que marcaram a história da humanidade são os derivados das guerras entre nações ou povos ou das lutas internas entre as classes sociais, assim como as guerras religiosas.

Os pensadores Camus e Sartre fizeram de suas vidas, uma bandeira de luta contra os preconceitos. Suas idéias contribuem para que o ser humano, neste processo de construir-se a si próprio permanentemente, interagindo na sociedade como ser social, político e responsável, auxilie na desconstrução dos falsos conceitos que impedem o homem de se desenvolver

---

<sup>127</sup> Ibidem, p. 105.

plenamente. Ajudam-nos a contribuir para a edificação de um novo paradigma civilizatório que deve estar baseado na luta contra todos os preconceitos.

*Sobre a existência do preconceito de classe, não preciso acrescentar nada, pois se trata de um dado da experiência comum. Não preciso esclarecer que o conflito de classe nasce também do preconceito. Não digo que nasça apenas do preconceito. Nasce da contraposição real entre aqueles que têm e aqueles que não têm, entre proprietários exclusivos dos meios de produção e aqueles que não possuem outro bem senão a força de trabalho.<sup>128</sup>*

A superioridade dos donos dos meios-de-produção em relação aos proletários se manifesta numa forma preconceituosa, pois os exploradores se sentem dotados de uma força ou de uma capacidade sobrenatural que lhes permite viver do trabalho gerado pelos que vendem sua força de trabalho. Nas sociedades, onde impera uma grande diferença social entre as classes econômicas, deve-se fazer possível viver sem preconceito.

Preocupa-nos o preconceito por suas conseqüências nocivas, pois desqualifica o ser humano, através de atitudes e ações solipsistas e anti-humanas. Constata-se que a discriminação é a conseqüência principal do surgimento de preconceito social. A discriminação é sempre injusta, pois fere o princípio básico de que todos são iguais, ou seja, indistintamente, portadores de direitos e de deveres.

*Que significa discriminação? A palavra é relativamente recente e foi introduzida e difundida sobretudo em relação à campanha racial, primeiro nazista e depois também fascista, contra os judeus, consideramos um grupo “discriminado” com respeito ao grupo dominante. “Discriminação” significa qualquer coisa a mais do que diferença ou distinção, pois é sempre usada com uma conotação pejorativa. Podemos, portanto, dizer que por “discriminação” se entende uma diferenciação injusta ou ilegítima. Porque injusta e ilegítima? Porque vai contra o princípio fundamental da justiça (aquela que os filósofos chamam de “regra de justiça”), segundo a qual devem ser tratados de modo igual aqueles que são iguais.<sup>129</sup>*

---

<sup>128</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 107.

Ninguém pode alvorar-se o dono da verdade em direitos humanos ou na luta contra a discriminação, nem se pode relegar a um lugar secundário na luta pela igualdade entre as pessoas. E, para que isso se concretize, é necessário que a sociedade vença todas as formas e tipos de discriminação, pois, enquanto houver um ranço de racismo, não há espaço para que o verdadeiro humanismo, aquele que é almejado pelas pessoas, se efetive.

Para a humanização do humano é imprescindível que o racismo seja superado na história da humanidade. Os tipos de racismo de nosso tempo são uma forma de violência velada e, às vezes, desvelada, contra as pessoas e, sobremaneira, contra as minorias. Sabemos que a colonização européia na América deixou milhões de cadáveres. A discriminação e o aniquilamento são um dos tristes legados que a civilização européia deixou no continente americano.

A filosofia tem um compromisso ético de apontar saídas nessa fragmentação que a razão contemporânea vem sofrendo, ante a hegemonia de um *lógos* que humilha e condena milhões de pessoas à exclusão. Quanto mais a sociedade parece evoluída tecnocientificamente, maiores são as desigualdades e as marcas de abandono do homem. Um triste início de Terceiro milênio é o aumento do número de pessoas injustiçadas de todas as formas, em todo o mundo. Como vimos, se nos países nórdicos não há exclusão material, há a discriminação racial contra etnias estrangeiras.

Dentro do existencialismo francês, Camus e Sartre se inscrevem entre os nomes mais fortes na defesa da liberdade incondicional do ser humano, pois enquanto os homens são reféns de ideologias, sejam religiosas ou políticas, jamais estarão em condições de viver a plenitude da liberdade. Este é o objetivo de toda a reflexão e de todo o exercício filosófico. A

filosofia deve ajudar a encontrar meios, para que se possa, cada vez mais, humanizar o homem, apesar de parecer uma utopia.

O consumismo representa um das grandes formas de afastamento do homem de sua verdade plena, pois prende o homem, condenando-o a viver sem a alteridade, negando o outro, pois este está excluído da sociedade de consumo, já que nem todos podem usufruir das benesses que o sistema econômico pode proporcionar. Se o existencialismo tem um legado ou um testamento, este é bem profundo e incisivo. O homem deve viver, plenamente, sua liberdade e esta não é algo que se dissolve no ar, mas é a liberdade que se completa com a felicidade.

O humanismo do século XXI deve ir além do humanismo dos filósofos franceses do século XX, porque de lá para cá os desafios para o humanismo aumentaram, em virtude de um esfacelamento ético cada vez maior. O tecido social foi se estilhaçando à medida que a ambição e a negação da alteridade foram se manifestando no cotidiano da vida.

O humanismo deve sempre ser uma esperança, para uma sociedade que não pode se contentar ou se dar por satisfeita com pequenos requintes aburguesados, conquistados com o suor e a exploração de milhares de pessoas, porque: *O humano não é um adjetivo, uma qualidade, mas um modo fundamental de existir no mundo. E, exatamente nesse sentido, podemos afirmar que todos os homens são iguais e são sujeitos dos mesmos direitos e deveres fundamentais*<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> PAVIANI, Jaime e DAL RI, Arno. (Org.) *Globalização e humanismo Latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P 200.

O humano é o que nos distingue, o que nos diferencia de todas as outras formas de vida. É um modo fundamental de existir no mundo que não pode ser confundido com nenhuma outra qualidade ou atributo. A existência humana tem um compromisso muito forte com a vida e esta de nenhuma forma, pode ser injustiçada ou sofrer ameaças ou violações em sua integridade.

A filosofia humanista de Sartre e Camus busca reconciliar a liberdade do homem nesse mundo complexo e desafiador, porque são várias as formas de mascarar a felicidade e apresentar projetos de vida para o homem, mas nem todas o satisfazem, plenamente. O humanismo deve ter por norte e meta-síntese na liberdade que sempre acontece no compromisso com as pequenas ou grandes causas de nosso tempo. Onde houver alguma ameaça ao humanismo ou a um homem concreto, devemos estar presentes, seja através de nossas atitudes e ações, com responsabilidade, seja, por meio de uma reflexão séria e coerente, buscando superar as aparências de juízos preconceituosos, a fim de se chegar à condição verdadeira do ser humano.



## CONCLUSÃO

Apesar das diferentes perspectivas dos autores, há vários pontos em comum que os tornam integrantes da corrente filosófica que teve enorme repercussão e importância no século XX, o Existencialismo. A filosofia assumida por Camus e Sartre não é aquela refém de falsos preconceitos ou concepções que deixam o homem ilhado em falaciosos fundamentos ou pseudo-verdades, impedindo que a verdade se manifeste com certeza e plenamente.

Ao fazer da essência o ponto central da filosofia, ou a chave para todos os problemas intelectuais, a filosofia refugia-se num sistema fixo, imutável e que não leva em conta toda a riqueza da dinamicidade temporal da existência, ou seja, transforma o ser humano (por natureza histórico-social) num conceito governado por estruturas metafísicas que impedem a maior manifestação do humanismo em toda a sua plenitude e todo o seu vigor filosófico.

Se há uma tarefa importante na filosofia e que não pode ser desprezada é que o pensamento, primeiramente, deve elevar o homem e seu contexto de vida ao centro e ápice de toda a reflexão. E mais do que ninguém, Sartre e Camus são um testemunho vivo de que o humanismo tem um papel central no estudo da filosofia. Ou se filosofa tendo o homem como

horizonte primeiro, ou se produz uma reflexão estéril e árida que não condiz com as aspirações teórico-práticas de nosso tempo.

Os personagens de Camus, principalmente, expressam essa grande tentativa de mostrar que o ser humano, apesar do absurdo, tem o dever de buscar uma vida digna. O século XX que realizou grandes transformações tecnológicas e sociais na vida do homem, tomou tais transformações como uma panacéia para todas as angústias e problemas da humanidade. Contudo, os problemas só se avolumaram, porque os homens não se satisfazem apenas com conquistas materiais. Há uma enorme sede ou necessidade de que as grandes dúvidas ou conflitos humano-sociais sejam minorados ou resolvidos.

O homem está à procura de respostas que afligem sua existência. Perguntas a toda hora surgem, entretanto nem sempre as respostas são dadas à altura do que se exige, filosoficamente. Diante dessa crise ética, nada mais normal que o sentimento do absurdo camusiano. Quando se sente o absurdo, a única realidade que se vive é, certamente, a desesperança. Não há outra solução para o homem, senão viver o absurdo, tornando-o eixo no qual toda a vida do homem deve se articular. O absurdo torna-se a única atitude de coerência que resta ao homem e não há outra forma de viver o humanismo, senão sentindo o que é mais próprio do ser humano, esse sentido de contradição e de perplexidade.

Camus nos ensina que fugir ao absurdo é uma atitude anti-humana, sendo uma auto-destruição, porque o homem deixa de sentir o que lhe é mais próprio, mais específico, ou seja, foge de si mesmo, ou marxianamente, aliena-se de si próprio. O homem não pode procurar as grandes respostas para sua existência fora de si mesmo, pois estaria percorrendo caminhos não autênticos, ilegítimos. Se há um desafio que não pode ser secundado, de nenhuma forma,

é viver, plenamente, a vida. A filosofia de Camus jamais foge do que é próprio ao ser humano.

A existência humana sempre se mostrou uma questão complexa que em Camus atinge quase seu ápice, pois este se interroga até que ponto o homem diante de uma existência marcada pela finitude, pela consciência da morte, pela tragicidade de vidas marcadas pelo absurdo pode viver sem enveredar para o suicídio. Em *O Mito de Sísifo*, apesar das limitações fundamentais do ser humano, e da certeza de sua finitude, Camus nos apresenta que mesmo diante da morte devemos ser serenos, ou seja, devemos trilhar caminhos que nos façam encontrar sentido diante do que parece não ter sentido – uma vida marcada para morrer. O humanismo camusiano, longe de ser uma apologia ao suicídio defende que o homem deve buscar em sua vida as ligações mais profundas com o universo, com sua origem e com sua história, a fim de poder vencer a dúvida se a vida vale a pena ser vivida sem ser, deliberada e tragicamente, interrompida.

Camus não se deixa seduzir pelas ideologias que propagam, facilmente, soluções para as mazelas sociais. Nesse sentido, defende, realisticamente, que os regimes totalitários que impedem a manifestação da liberdade ou que transformam suas crenças em verdades absolutas não são formas legítimas de se construir uma sociedade mais justa. Para Camus, a solução dos problemas humanos não está numa dimensão transcendente, que apenas afastaria o homem da solução de seus verdadeiros problemas ético-sociais. A revolta não é uma atitude conformista, mas, antes é uma ação consciente de quem quer mudar o mundo.

A revolta não se dá pela revolução coletiva de agentes ou grupos sociais que por meios violentos tentam implantar uma nova ordem social, mas é uma atitude sobretudo humana

porque parte de um ato consciente do homem que quer transformar a história, porém respeitando a vida dos outros seres humanos. Nenhuma revolução social ou estado utópico pode ser efetivado sobre o derramamento de sangue dos inocentes. Esse foi o estopim que separou diametralmente Camus e Sartre. Enquanto o autor de *O Homem Revoltado* conclamava a uma transformação pela solidariedade, Sartre defendia, a todo custo, a derrubada do sistema capitalista vigente, aproximando-se das compreensões revolucionárias.

A situação do homem diante do mundo é marcada por contradição, pois ele vive o dilema de, por um lado pertencer a este mundo de uma maneira finita, e, por outro tem o desejo de viver eternamente. Diante disso, ele sente que sua vida é marcada por absurdo, porque as coisas são e estão a sua volta, a sua disposição, mas em um horizonte temporal limitado.

É nesse contexto que deve nascer um novo humanismo, para dar conta desses problemas concretos que angustiam o homem. Sartre não defende que o homem deve viver em permanente náusea, mas em seu *Testamento* deixa claro que o homem deve ter um compromisso com as causas históricas de seu tempo. Suas conquistas ou fracassos devem ter as lutas sociais como meta. Um humanismo que se refugia dos compromissos e lutas de seu tempo, não responde às verdadeiras aspirações do homem. Por mais frágil que seja a batalha, o homem não pode furtar-se ao desafio de buscar uma vida melhor e mais feliz.

A concepção de liberdade no humanismo existencialista de Camus e Sartre não é uma decorrência de uma benevolência de um ser superior, mas é um exercício ou uma potencialidade própria do ser humano que vai se exercitando nas ações de seu dia-a-dia. A felicidade não será uma recompensa na eternidade pelo bom uso do livre-arbítrio. A liberdade

defendida pelo existencialismo não pode ser compreendida como uma atitude isolacionista da vontade que pode fazer o que quer, muito menos como uma maneira de agir hedonista e sem compromisso, mas é a união do livre-arbítrio com o compromisso ético.

Aprendemos com Sartre que ao quisermos a liberdade pela liberdade, descobrimos que nunca somos plenamente livres, se os outros também não o são. A liberdade humana acontece no inter-relacionamento com os outros, na relação cotidiana com as pessoas. Se os outros nos oprimem, impedindo que nos manifestemos, então, nossa liberdade é precária, como também, sua liberdade. Portanto, a liberdade acontece, quando as duas partes têm um compromisso com o outro. Assumindo, reciprocamente, a defesa pela liberdade de todos, em todas as formas de manifestação. O humanismo de Sartre é uma defesa radical da verdade, onde cada homem escolhe o seu destino e constrói a sua história.

Sartre nunca deixa de se preocupar com os problemas de seu tempo, por isso defende a necessidade de um engajamento social em prol da construção de uma sociedade mais justa e responsável. O ser humano tem uma responsabilidade pessoal por tudo o que acontece dentro de sua história de vida. Apesar de todas as mudanças de pensamento em sua vida intelectual, ele nunca deixou de se preocupar com os problemas que atingiam a sociedade de seu tempo. Antes, ele buscou uma compreensão do homem que não fosse fragmentada ou que estivesse estilhaçada pelas ciências positivas, buscando, principalmente, ver e analisar o homem como um todo, na sua unidade.

O humanismo existencialista aproxima o homem com o que lhe é mais próprio, com os sentimentos que habitam no âmago do ser humano. Nada mais importante do que se ter consciência de que a revolta não é uma etapa de destruição ou auto-destruição, mas o que

Camus busca é transpô-la para uma nova etapa de compreensão da existência, longe da fugacidade e do *non-sense*.

Por tais razões, o humanismo de Sartre e Camus não é um compromisso vazio, sem fundamento, mas é a apresentação de uma filosofia que valoriza o homem na sua totalidade. Isso nega as tentativas de redução da antropologia a qualquer dimensão exclusiva ou ensimesmada, porque, quando a reflexão filosófica assume o compromisso de configurar um novo humanismo, a sociedade não pode ser mais a mesma, presa nos totalitarismos de matizes variadas.

A construção de um novo humanismo fica sendo o grande legado de Sartre e de Camus para as gerações futuras e, sobretudo, para a nossa que, urgente e irremediavelmente, está condenada a construir um novo pacto de sociabilidade, senão estará correndo o risco de desaparecer. Os novos valores não podem estar baseados em antigas crenças ou preconceitos e devem ir ao encontro das aspirações mais legítimas e universais do ser humano, as quais terão sempre a liberdade por horizonte.

A existência não pode ser pautada por pseudo-humanismos, mas deve estar baseada num verdadeiro humanismo e, nesse sentido, o existencialismo se apresenta como uma corrente ou uma concepção filosófica que mostra um caminho e aponta um rumo para a humanidade. Longe de soluções metafísicas aprisionadoras do homem, escondendo o verdadeiro rosto do humanismo, o existencialismo busca na construção e efetivação de uma sociedade mais justa seu verdadeiro significado. Para isso unem-se num acordo material justiça e liberdade.

## OBRAS CONSULTADAS

- ARENDDT, Hannah. *Pensamento, Persuasão e Poder*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. *A condição humana*. São Paulo: Forense-Universitária, Salamandra: EDUSP, 1981.
- ABBAGNANO, Nicola. *Introdução ao Existencialismo*. Lisboa: Minotauro, s.d.
- BARRETO, Vitor. *Camus: Vida e obra*. Lisboa: José Álvaro, 1978.
- BEAUVOIR, Simone. *Pyrrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard, 1965.
- BENNY, Lévy. *O Testamento de Sartre*. v. 1, Porto Alegre: L&PM, 1986. (Série Oitenta Especial)
- BOSCH, Philippe Van Den. *A Filosofia e a Felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BONFANTI, J. Maria. *Revolta e revolução: a práxis que separa Albert Camus e Jean-Paul Sartre*. Unisinos, São Leopoldo: Dissertação de Mestrado, 2004.
- BOCHENSKI, I.M. *A Filosofia Contemporânea Ocidental*. São Paulo: Herder, 1962.
- CALDERA, Alejandro Serrano. *Os dilemas da democracia*. São Paulo: Ed. UNISINOS, 1996.
- CAMUS, Albert. *A Queda*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La Chute*. Paris: Gallimard, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Noces*. Paris: Gallimard, 1959.

- \_\_\_\_\_. *O Estrangeiro*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *L' Étranger*. Paris: Gallimard, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Calígula*. Tradução de Maria da Saudade. Rio de Janeiro: Cortesão, 1963.
- \_\_\_\_\_. *O Mito de Sísifo*. (Ensaio sobre o Absurdo). Lisboa: Livros do Brasil, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Le Mithe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos I e II*. Buenos Aires: Losada, 1963.
- \_\_\_\_\_. *A Peste*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La Peste*. Paris: Gallimard, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O Exílio e o Reino*. Tradução de Cabral de Nascimento. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- \_\_\_\_\_. *L' Homme Revolté*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O Homem Revoltado*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Diário de Viagem: a visita de Camus ao Brasil*. Tradução de V.R. Chaves. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- CHACON, V. Heidegger e a Tragédia do Ocidente. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo: v. 30, jan/fev/mar/ 1979.
- CORDI, Cassiano, et al. *Para Filosofar*, São Paulo: Scipione, 1995.
- ETCHEWERY, A. *Os Conflitos Atuais dos Humanismos*. Porto: Tavares Martins, 1958.
- FANTONE, V. *Introducción al Existencialismo*. 5. ed., Buenos Aires: Columba, 1966.  
(Colección Esquemas)
- FRANKL, Viktor E. *Em Busca do Sentido*. São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal Vozes, 1991.  
(Coleção Logoterapia)
- GARAUDY, R. *Perspectivas do Homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As Dimensões do Homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo I e II*. Petrópolis, Vozes, 1988-1989.



- JANER, Cristaldo. *Mensageiros Das Fúrias - Uma Leitura Camusiana de Ernesto Sábato*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1983.
- JOLIVET, Régis. *As Doutrinas Existencialistas*. Porto, Tavares Martins, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Sartre ou a Teologia do Absurdo*. São Paulo, Editora Derder, 1968.
- LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- LISBOA, Guimarães. Z. *Coleção Idéia Nova*. 1962.
- MATHIAS, Marcelo Z. *A felicidade em Alberto Camus: aproximação à sua obra*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- MOELLER, Charles. *Literatura do Século XX e Cristianismo. O Silêncio De Deus*. Tradução de Augusto Souza. São Paulo, Flamboyant, 1958.
- MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia*. 3ª ed, v. 3. São Paulo, 1987.
- MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Buenos Aires, Sudamericana, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. v. 1. Rio de Janeiro, 1983.
- MOREJON, Juan Valdano. *Humanismo de Albert Camus*. Cuenca, Monterey, 1973.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra – Pátria*. 3ª ed. Porto Alegre, Sulina, 2000.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Desespero dos Desesperados*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- PAIVA, Marcelo Whately (org). *O Pensamento Vivo de Sartre*. São Paulo: Martin Claret, 1991.
- PAVIANI, Jayme e DALRI, Arno, (org.) *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.
- PENHA, João da. Atualidade e Permanência. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, no. 91, p. 44-48, abril/2005.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade. Uma Introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre, L &PM, 1995.

- PÉREZ, Rafael García. Las relaciones internacionales hoy. *Revista Internacional de Filosofía Política*, Madrid, Nr. 25, pg. 134-138, Julio, 2005.
- PINTO, Paulo R. M. *Sentido da Vida e Valor da Vida: Uma Diferença Crucial (Discussão das Idéias de Júlio Cabrera)*. Goiânia, Philosophia, volume 9, n. 1, 2004.
- PIRES, Cecília Maria. *Ética da Necessidade e outros desafios*. São Leopoldo, Unisinos, 2004.
- \_\_\_\_\_. A Peste ou o Diálogo dos Excluídos. *Diálogo. Revista Temática Acadêmica – Científica* do Centro Universitário La Salle, Canoas, n. 1, pág. 175-201. 2000.
- RODRIGUES, José Luis. *Sartre: Poder, violência y revolucion*, Madrid: Revolucion, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.  
(Coleção Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SCIACCA, M. F. *História da Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou. 1967.
- TROTIGNON, P. *Os filósofos franceses da atualidade*. São Paulo: DIFEL, 1969.